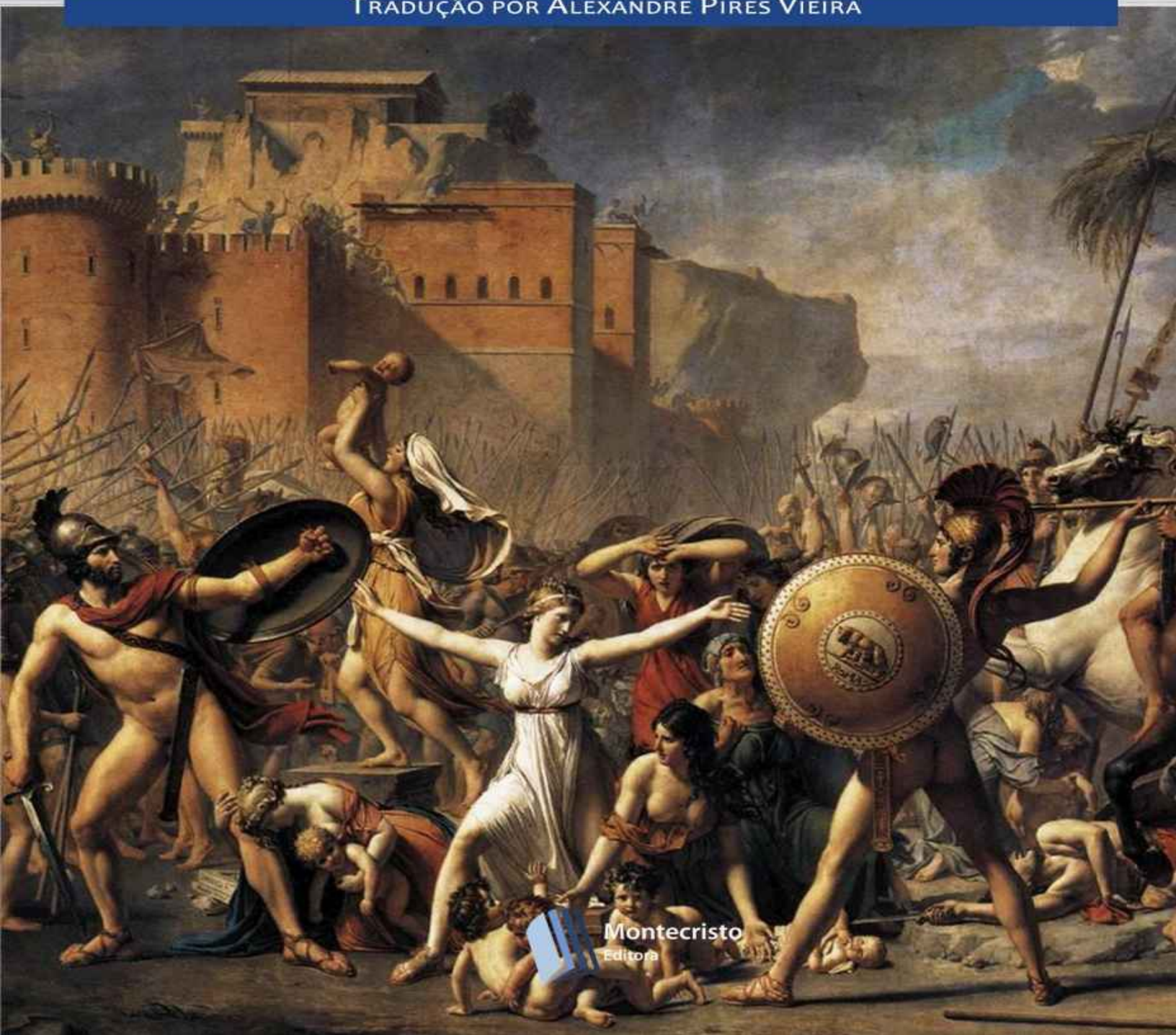
SÊNECA

SOBRE A PROVIDÊNCIA DIVINA

TRADUÇÃO POR ALEXANDRE PIRES VIEIRA



Montecristo
Editora

SÊNECA

SOBRE A PROVIDÊNCIA DIVINA
POR QUE INFORTÚNIOS ATINGEM OS HOMENS DE BEM, MESMO EXISTINDO A PROVIDÊNCIA.

"O DESASTRE É A OPORTUNIDADE DA VIRTUDE."

Tradução, introdução e notas de
ALEXANDRE PIRES VIEIRA

Montecristo
Editora

©2020 Copyright Montecristo Editora

SÊNECA

SOBRE A PROVIDÊNCIA DIVINA
POR QUE INFORTÚNIOS ATINGEM OS HOMENS DE BEM, MESMO EXISTINDO A PROVIDÊNCIA.

Título Original
De Providentia

Supervisão de Editoração/Capa
Montecristo Editora

Tradução
Alexandre Pires Vieira

Original em inglês
Internet Archive

Imagem da Capa
A intervenção das Sabinas, por Jacques-Louis David

ISBN:
978-1-61965-184-5 – Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.
e-mail: editora@montecristoeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sêneca;
Sobre a Providência Divina; introdução, tradução e notas de*Alexandre Pires Vieira* –
Montecristo Editora, 2020. **Título Original** De Providentia
ISBN: 978-1-61965-184-5

1. Filosofia antiga. 2.Sêneca 3. Estoicismo. 5. Ética 5. Moral I. Vieira, Alexandre Pires. II. Título

14-10335 CDD-188

SUMÁRIO
SÊNECA
SOBRE A PROVIDÊNCIA DIVINA

Introdução

- Sobre o autor
- Sobre a tradução

Sobre a Providência Divina

- I.
- II
- III
- IV
- V
- VI

Original Latim - De Providentia

- I
- II
- III
- IV
- V
- VI

Bônus

- Carta I. Sobre aproveitar o tempo
- Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Introdução

Sobre a Providência Divina "*De Providentia*" é um ensaio em forma de diálogo em seis breves seções, escrito por Sêneca nos últimos anos de sua vida. Trata do problema da coexistência da providência divina com o mal no mundo. Foi endereçado á Lucílio, também destinatário das 124 cartas morais[1] escritas por Sêneca.

O título completo da obra é "*Quare bonis viris multa mala accidant, cum sit providentia*" ("Por que infortúnios atingem os homens de bem, mesmo existindo a providência"). Este título mais longo reflete o verdadeiro tema do ensaio, que não se preocupa tanto com a **providência**[2], mas com a *teodiceia*[3] e a questão de por que coisas ruins acontecem com as pessoas boas.

O diálogo é iniciado por Lucílio reclamando com seu amigo Sêneca que adversidades e infortúnios também podem acontecer com homens bons. Como isso pode se encaixar com a bondade associada ao desígnio da providência? Sêneca responde de acordo com o ponto de vista estoico. Nada realmente ruim pode acontecer com o homem bom (o sábio), porque os opostos não se misturam. O que parece adversidade é na verdade um meio pelo qual o homem exerce as suas virtudes. Como tal, ele pode sair da experiência mais forte do que antes pois as calamidades não passam de desafios impostos aos homens de valor, para que se fortaleçam. Sêneca afirma que o homem de bem *"considera todas as desgraças como exercícios para sua própria firmeza"* (§II, 2).

Assim, em perfeita harmonia com a filosofia estoica, Sêneca explica que o homem verdadeiramente sábio jamais poderá se render diante das desgraças, mas que como sempre passará por elas e mesmo que caia, continuará lutando de joelhos ("*si cecidit de genu pugnat*"). O sábio compreende a Fortuna e seu desígnio, e por isso não tem nada a temer do futuro. Tampouco tem expectativa de qualquer coisa, pois já tem tudo o que precisa: sua a virtude.

Sêneca não se apóia exclusivamente no estoicismo, mas também nas lições de sua vida glorioa e atribulada, em que não faltaram desafios. ***Sobre a***

Providência Divina foi escrito pouco tempo antes de Sêneca ser condenado a cometer suicídio por ordem de Nero. Antes Sêneca fora condenado à morte (e perdoado) por Calígula e também a oito anos de exílio pelo imperador Cláudio.

Conhecendo sua história, as palavras têm relevância e sabor especial. Sêneca torna o texto interessante graças a seu estilo persuasivo e poético, repleto de figuras de linguagem, parábolas e anedotas edificantes e enfáticas de personagens da antiguidade. O recurso, no entanto, o que se tomou sua marca foi o uso esmerado de frases curtas e pungentes, de muito efeito e alta expressividade, em forma de provérbios: "*força e coragem definham sem um antagonista*"(§II); "*a má Fortuna que descobre gloriosos exemplos*."(§III); "*o desastre é a oportunidade da virtude*"(§IV);

A conclusão é que, na verdade, nada de mal acontece aos homens bons. Basta entender o que significa mau: mau para o sábio seria ter maus pensamentos, cometer crimes, desejar dinheiro ou fama. Quem se comporta sabiamente, já tem todo o bem possível, todo o restante é indiferente.

Os únicos bens verdadeiros são os interiores, permanentes, e invulneráveis pelo destino(*Fortuna*), ao passo qu a riqueza exterior é fútil e passageira acarretando uma felicidade fraca.

Sobre o autor

Lúcio Aneu Sêneca, em latim: *Lucius Annaeus Seneca*, é conhecido também como Sêneca, o jovem ou o filósofo. Nasceu em Córdoba, aproximadamente em 4 a.C. Era de família abastada, que se transferiu para Roma quando ele ainda era criança. Muito jovem, Sêneca estudou com o estoico Átalo e com os neopitagóricos Sótion de Alexandria e Papírio Fabiano, discípulos do filósofo romano Quinto Séxtio.

Provavelmente por motivos de saúde, Sêneca mudou-se, por volta de 20 d.C., para Alexandria, no Egito, de onde retornou a Roma em 31. Aos quarenta anos iniciou carreira como orador e político, tendo rapidamente sido eleito para o senado. Em Roma, estabeleceu vínculos com as irmãs do imperador Calígula: Livila, Drusila e Agripina Menor, mãe do futuro imperador Nero. Sendo figura destacada no senado e no ambiente palaciano, foi envolvido numa conjuração contra Calígula.

Sêneca diz que se livrou da condenação à morte por sofrer de uma doença pulmonar (provavelmente asma). Assim, por intercessão de aliados, Calígula foi convencido que ele estaria condenado a uma morte natural iminente.

Com o assassinato de Calígula em 41, Sêneca tornou-se alvo de Messalina, esposa do imperador Cláudio, num confronto entre esta e as irmãs de Calígula. Acusado de manter relações adúlteras com Livila, foi condenado à morte pelo Senado. Por intervenção do próprio imperador, a pena foi comutada em exílio na ilha de Córsega. O exílio durou oito anos, período em que o filósofo se dedicou aos estudos e à composição de inúmeras obras.

Em 49 d.C. Agripina, então a nova esposa do imperador Cláudio, possibilitou o retorno de Sêneca e o instituiu como preceptor de seu filho Nero, então com doze anos. Após a morte de Cláudio em 54, Nero foi nomeado seu sucessor e Sêneca tornou-se o principal conselheiro do jovem imperador. No entanto, o conflito de interesses envolvendo, de um lado, Agripina e seus aliados e de outro, conselheiros de Nero, os quais, por sua vez, se opunham a Sêneca, levou a uma crise que resultou na morte de Agripina e no gradual

enfraquecimento político de Sêneca.

Em 62, Sêneca solicitou a Nero para se afastar totalmente das funções públicas, contudo o pedido foi negado. De toda forma, alegando saúde precária, Sêneca passou a se dedicar ao ócio, ou seja, à leitura e à escrita. Sua relação com Nero deteriorou-se principalmente pelo prestígio do filósofo no meio político e intelectual, onde era visto como um possível governante ideal. No início de 65, foi envolvido em uma conjuração para derrubar o imperador e foi condenado à morte por suicídio, morreu em 19 de abril.

Sêneca foi simultaneamente dramaturgo de sucesso, uma das pessoas mais ricas de Roma, estadista famoso e conselheiro do imperador. Sêneca teve que negociar, persuadir e planejar seu caminho pela vida. Ao invés de filosofar da segurança da cátedra de uma universidade, ele teve que lidar constantemente com pessoas não cooperativas e poderosas e enfrentar o desastre, o exílio, a saúde frágil e a condenação à morte. Sêneca correu riscos e teve grandes feitos.

Obras filosóficas de Sêneca:

- Cartas de um Estoico, Vol I (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- Cartas de um Estoico, Vol II
- Cartas de um Estoico, Vol III
- Sobre a Ira (*De Ira*)
- Consolação a Márcia (*Ad Marciam, De consolatione*)
- Consolação a Minha Mãe Hélvia (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- Consolação a Políbio (*De Consolatione ad Polybium*)
- Sobre a Brevidade da vida(*De Brevitate Vitae*)
- Da Clemência (*De Clementia*)
- Sobre Constância do sábio (*De Constantia Sapientis*)
- A Vida Feliz (*De Vita Beata*)
- Sobre os Benefícios (*De Beneficiis*)
- Sobre a Tranquilidade da alma (*De Tranquillitate Animi*)
- Sobre o Ócio (*De Otio*)
- Sobre a Providência Divina (*De Providentia*)

- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Além de filosofia, Sêneca escreveu também Tragédias e peças de teatro, bastante populares em sua época:

- Hércules furioso (*Hercules furens*)
- As Troianas (*Troades*)
- As Fenícias (*Phoenissae*)
- Medeia (*Medea*)
- Fedra (*Phaedra*)
- Édipo (*Oedipus*)
- Agamemnon
- Tiestes (*Thyestes*)
- Hércules no Eta (*Hercules Oetaeus*)

Sobre a tradução

A tradução para o português foi baseada na versão em inglês de **Aubrey Stewart** publicada em 1889 por George Bell & Sons disponível no Internet Archive. Ao texto de Stewart foram acrescentadas as notas de rodapé esclarecendo nomes e personagens citados por Sêneca bem como referências a livros de autores mencionados. A leitura das seguintes obras foi fundamental para a conclusão da tradução: 1.*Moral Letters to Lucilius by Seneca* por Richard Mott Gummere; 2. *Reading Seneca: Stoic Philosophy at Rome* por Brad Inwood; 3. *A Guide to the Good Life: The Ancient Art of Stoic Joy* por William Braxton Irvine.

O texto em latim que consta deste volume é da Universidade de Tufts disponível na Perseus Digital Library.

Poucas observações sobre a tradução são necessárias.

No latim, o uso da segunda pessoa é natural para expressar a relação de proximidade e familiaridade. Nas traduções em português geralmente usa-se a segunda pessoa (*tu*). Contudo, no português atual, principalmente no Brasil, o uso da terceira pessoa (*você*) me parece mais adequado à intenção de Sêneca, que ensinava filosofia a um amigo. Assim, toda a tradução foi feita em terceira pessoa.

O termo "***fortuna/fortunae***", para o autor latino, se assemelha à nossa "sorte" ou "destino", mas era também uma divindade. O nome comum e o nome próprio são dificilmente distinguíveis no texto, portanto, usei sempre "*Fortuna*".

Que este livro o sirva como amigo, professor e companheiro.

Espero que gostem tanto quanto eu,

Alexandre Pires Vieira

Viena, primavera de 2020

NOTAS

1 Lucílio é um grande amigo a quem Sêneca também dedica as suas “Cartas de um Estoico” e a obra "*Questões Naturais*”. Sêneca tenta convertê-lo do epicurismo para o estoicimo.

2 A **Providência** designa a ação no mundo de uma vontade externa (não humana, transcendente), levando os eventos a um fim. Referida como providência divina é um termo teológico que se refere a um poder supremo, superintendência, ou agência de Deus ou alguma divindade sobre eventos. Durante a Antiguidade, os debates filosóficos opuseram os epicuristas, segundo os quais a origem e a evolução do universo são precisamente apenas uma questão de acaso, aos estoicos neoplatonistas, para os quais - pelo contrário - elas resultam da vontade de um Criador ou mesmo da ação da natureza/universo (Logos para os estoicos).

3 **Teodiceia** é um termo derivado do título da obra ***Ensaio de Teodiceia*** do filósofo alemão Leibniz, que justifica a existência de Deus a partir da discussão do problema da existência do mal e de sua relação com a bondade de Deus.

Sobre a Providência Divina

POR QUE INFORTÚNIOS ATINGEM OS HOMENS DE BEM, MESMO EXISTINDO A PROVIDÊNCIA.

I.

1. Você me perguntou, Lucílio[4], por que, se o mundo é governado pela providência, tantos males afligem os homens bons? A resposta a isso seria dada mais convenientemente no decorrer deste trabalho, depois de termos provado que a providência governa o universo, e que Deus está entre nós: mas, como você deseja que eu trate de um ponto à parte do todo, e que responda a uma réplica antes que a ação principal seja decidida, farei o que não é difícil, e pleitearei a causa dos deuses.

2. No momento atual, é supérfluo apontar que não é sem algum guardião que uma obra tão grande mantém sua posição, que a congregação e os movimentos das estrelas não dependem de impulsos acidentais, ou que objetos cujo movimento é regulado pelo acaso muitas vezes caem em confusão e logo se tropeçam, enquanto esse movimento rápido e seguro continua, governado pela lei eterna, carregando consigo tantas coisas tanto no mar como na terra, tantas luzes mais brilhantes resplandecendo em ordem nos céus; que essa regularidade não pertence à matéria em movimento ao acaso, e que as partículas reunidas por acaso não poderiam se dispor com arte tal que o peso mais pesado, o da terra, permanecesse impassível, e contemplassem o vôo dos céus à medida que se agitam ao seu redor, para fazer os mares derramarem-se nos vales e assim temperar o clima da terra, sem qualquer aumento sensível dos rios que neles correm, ou para provocar enormes crescimentos a partir de minúsculas sementes.

3. Mesmo aqueles fenômenos que parecem confusos e irregulares, refiro-me às chuvas e nuvens, ao relâmpago dos céus, ao fogo que jorra dos picos das montanhas, aos tremores da terra e a tudo mais que é produzido na terra pelo elemento inquieto do universo, não acontecem sem razão, embora o façam de repente: mas também têm as suas causas, como também as coisas que excitam a nossa admiração pela singularidade da sua condição, como as fontes quentes em meio às ondas do mar e as novas ilhas que brotam no vasto oceano.

4. Além disso, qualquer um que tenha observado como a praia está nua pelo recuo do mar em si, e como dentro de pouco tempo está novamente coberta, acreditará que é em obediência a alguma lei oculta de mudança que as ondas são, em um momento, contraídas e impulsionadas para dentro, em outro rebentam e recuperam seu leito com uma forte corrente, já que durante todo o tempo elas se enchem em proporção regular, e sobem no dia e hora determinados, maiores ou menores, conforme a lua, a cujo capricho o oceano flui. Que estes assuntos sejam postos de lado para discussão na época própria, mas eu, já que você não duvida da existência da providência, mas se queixa dela, vou lhe reconciliar mais prontamente com os deuses, que são os mais excelentes para os homens excelentes: pois, de fato, a natureza das coisas não permite que os bens sejam feridos pelo bem.

5. Entre os homens bons e os deuses há uma amizade que é trazida pela virtude -amizade digo eu... não, antes relacionamento e semelhança, já que o homem bom difere de um deus somente no tempo de vida, sendo seu aluno e rival e descendente verdadeiro, a quem seu glorioso pai treina mais severamente que os outros homens, insistindo severamente na conduta virtuosa, como fazem os pais rigorosos.

6. Quando se vê, pois, homens bons e caros aos deuses labutando, suando, lutando dolorosamente pela subida, enquanto os maus correm revoltosos e mergulhados em prazeres, reflete-se que a modéstia nos agrada em nossos filhos, e a audácia em nossos escravos nascidos em casa; que os primeiros são controlados por uma regra um tanto severa, enquanto a audácia dos segundos é encorajada[5]. Esteja você certo de que Deus age da mesma maneira: Ele não acaricia o homem bom: Ele o testa, o endurece, e o ajusta para si mesmo.

II

1- Por que muitas coisas saem mal para homens bons? Nenhum mal pode suceder a um homem bom; os contrários não se podem combinar. Assim como tantos rios, tantas chuvas das nuvens, tantas fontes termais, não alteram o sabor do mar, na verdade, não o amolecem, assim também a pressão da adversidade não afeta a mente de um homem valente; pois a mente de um homem valente mantém seu equilíbrio e joga sua própria compleição sobre tudo o que se passa, porque é mais poderosa do que qualquer circunstância externa.

2. Não digo que ele não as sinta, mas que as conquiste, e que, às vezes, com calma e Providencia, se eleve superior aos seus ataques, considerando todas as desgraças como exercícios para sua própria firmeza. Mas, quem é aquele que, desde que seja homem e tenha honrada ambição, não anseia pelo devido emprego e não está ansioso por cumprir seu dever, apesar do perigo? Existe algum homem trabalhador a quem a ociosidade não seja um castigo?

3. Vemos os atletas, que se dedicam apenas ao treino da força corporal, se envolvem em competições com o mais forte dos homens, e insistem para que aqueles que os treinam para a arena, ao praticarem com eles, ponham toda a sua força para fora: sofrem golpes e maus-tratos, e, se não conseguem encontrar uma única pessoa que seja seu par, se envolvem com vários ao mesmo tempo: sua força e coragem definham sem um antagonista:

4. Eles só podem provar o quanto são grandes e poderosos se provarem o quanto podem tolerar sofrimento. Você deve saber que os homens bons devem agir da mesma maneira, de modo a não temer problemas e dificuldades, nem lamentar seu duro destino, tomar em boa parte o que quer que lhes suceda, e forçá-lo a tornar-se uma bênção para eles. Não importa o que você suporta, mas como o suporta.

5. Não vê como os pais e as mães se entregam aos filhos de maneira diferente? Como os primeiros os exortam a cumprir suas tarefas, e não toleram que fiquem ociosos mesmo nos feriados, e os exercitam até

transpirarem, e às vezes até derramarem lágrimas - enquanto suas mães querem abraçá-los no colo, e mantê-los fora do sol, e nunca desejam que se aborreçam, ou que chorem, ou que trabalhem.

6. Deus tem uma mente paterna para com os homens bons, e os ama em espírito de homem. "*Que eles*" – diz Ele – "*sejam exercitados por trabalhos, sofrimentos e perdas, para que adquiram verdadeira força*". Aqueles que são sorteados com comodidade, quebram-se não só com o trabalho, mas com o mero movimento e pelo seu próprio peso. A prosperidade ininterrupta não pode suportar um único golpe; mas aquele que tem travado uma luta incessante com seus infortúnios ganhou uma pele mais grossa pelos seus sofrimentos, não cede a qualquer desastre, e mesmo que caia, ainda luta de joelhos.

7. Você se admira que Deus, que tanto ama os bons, que os quereria fazer alcançar a mais alta bondade e a proeminência, nomeie a Fortuna para ser seu adversário? Não me surpreende que os deuses às vezes tenham o desejo de contemplar grandes homens lutando contra alguma desgraça.

8. Às vezes nos alegramos quando um jovem de firme coragem enfrenta com sua lança a besta selvagem que o ataca; ou quando se depara com o ataque de um leão sem vacilar; e quanto mais eminente é o homem que age assim, tanto mais atraente é a vista: no entanto, não são questões que possam atrair a atenção dos deuses, mas meros passatempos e desvios da frivolidade humana[6].

9. Eis uma visão digna de ser vista por um deus interessado em sua própria obra, eis um par[7] digno de um deus, um homem corajoso e de má Fortuna, especialmente se ele próprio deu o desafio. Não sei que espetáculo mais nobre Júpiter poderia encontrar na Terra, se ali voltasse os olhos, do que o de Catão[8], depois de seu partido ter sido derrotado mais de uma vez, ainda em pé, em meio às ruínas da República.

10. Ele disse: "*E se todos caíssem no poder de um só homem, se a terra fosse guardada por suas legiões, o mar por suas esquadras, ainda que os soldados de César estivessem ao lado do portão da cidade, Catão tem uma saída: com uma mão abrirá um amplo caminho para a liberdade; sua espada, que ele suportou sem manchar pela vergonha e inocente do crime, mesmo em uma guerra civil, ainda fará boas e nobres obras; dará a Catão aquela liberdade*

que não pôde dar ao seu país[9]*. Comece, minha alma, a obra que há tanto tempo você tem contemplado, afaste-se do mundo dos homens. Já Petreio*[10] *e Juba*[11] *se encontraram e caíram, cada um morto pela mão do outro - um corajoso e nobre pacto com o destino, mas nem um só é digno da minha grandeza: é tão vergonhoso para Catão suplicar a morte pela mão de qualquer um como seria para ele suplicar a sua vida*".

11. É claro para mim que os deuses devem ter olhado com grande alegria, enquanto aquele homem, o seu mais impiedoso vingador, pensava na segurança dos outros e arranjava a fuga dos que partiam, enquanto mesmo na sua última noite ele prosseguia seus estudos, enquanto empunhava a espada em seu peito sagrado, enquanto rasgava seus sinais vitais e punha sua mão sobre aquela vida santíssima que não era digna de ser contaminada pelo aço[12].

12. Essa, estou inclinado a pensar, foi a razão de sua ferida não ter sido bem dirigida e mortal: os deuses não se contentaram em ver Catão morrer uma vez: sua coragem foi mantida em ação e convocada para o palco, para que se mostrasse num papel mais difícil: pois precisa de uma mente superior para voltar uma segunda vez à morte. Como poderiam deixar de ver o aluno com interesse ao deixar sua vida por uma partida tão nobre e memorável? Os homens são elevados ao nível dos deuses por uma morte que é admirada até mesmo por aqueles que os temem.

III

1. No entanto, à medida que prosseguir meu argumento, provarei que o que parecem ser males não são assim; por ora digo isto: que o que você chama de desgraça, infortúnios e coisas contra as quais devemos orar, são realmente vantajosas, em primeiro lugar, para aqueles a quem acontecem e, em segundo lugar, para toda a humanidade, por quem os deuses se preocupam mais do que com os indivíduos; e, em seguida, que esses males lhes acontecem com sua própria boa vontade, e que os homens merecem sofrer desgraças, se não estiverem dispostos a recebê-las. A isso acrescentarei que os infortúnios procedem assim pelo destino, e que recaem sobre os homens bons pela mesma lei que os torna bons. Depois disto, eu lhe convencerei, a não se compadecer de nenhum homem bom, porque, embora possa ser chamado infeliz, não pode ser assim.

2. De todas essas proposições, a mais difícil de provar, é que as coisas que tememos e que nos estremecem são vantajosas para aqueles a quem elas acontecem. "*Será*", diz você, "*vantajoso para esses, serem levados ao exílio, serem levados a carestia, a realizar o enterro dos filhos e da mulher, serem desonrados publicamente, perderem a saúde*"? Sim! Se você se surpreende com a vantagem disso para qualquer homem, você também se surpreenderá com qualquer homem sendo beneficiado pela faca e pelo calabouço, ou também pela fome e pela sede. Mas, se você considerar que alguns homens, para serem curados, têm seus ossos raspados, e pedaços deles extraídos, têm suas veias arrancadas, e alguns têm membros cortados, pois esses não poderiam permanecer em seu lugar sem arruinar todo o corpo, você me permitirá provar-lhe isso também, que algumas desgraças são para o bem daqueles a quem acontecem, tanto quanto, por Hércules, como algumas coisas que são elogiadas e desejadas são prejudiciais àqueles que as desfrutam, como orgias e embriaguez e outros assuntos que nos matam pelo prazer.

3. Entre muitos grandes ditados de nosso Demétrio[13] está este, que acabo de

ouvir, e que ainda toca e emociona em meus ouvidos: ***"Ninguém", disse ele, "me parece mais infeliz do que o homem a quem nenhuma desgraça jamais aconteceu".*** Nunca teve a oportunidade de testar a si mesmo; embora tudo lhe tenha acontecido conforme seu desejo, não, mesmo antes de ter formado um desejo, ainda assim os deuses o julgaram mal; nunca foi considerado digno de vencer a má fortuna, o que evita os maiores covardes, como se dissesse: "*Por que eu deveria tomar aquele homem como meu antagonista? Ele vai logo levantar seus braços: Não precisarei de todas as minhas forças contra ele: ele será posto em fuga por uma mera ameaça: ele nem ousa me enfrentar; deixe-me olhar em volta para algum outro com quem eu possa lutar de mãos em mãos: Eu me envergonho se entrar em duelo com alguém que está pronto a ser vencido.*"

4. Um gladiador considera uma vergonha ser equiparado a um inferior, e sabe que vencer sem risco é vencer sem glória. Assim é a Fortuna; ela busca o mais corajoso para se igualar, passa por cima de alguns com desdém, e faz com que os mais inquebrantáveis e íntegros dos homens, exerçam suas forças contra si. Ela julgou Múcio pelo fogo, Fabrício pela pobreza, Rutílio pelo exílio, Régulo pela tortura, Sócrates pelo veneno, Catão pela morte**: é a má Fortuna que descobre gloriosos exemplos.**

5. Seria Múcio[14] infeliz, porque agarrou o fogo do inimigo com a mão direita, e por sua própria vontade pagou a punição por seu erro? Pois venceu o Rei com a mão quando ela foi queimada, embora não pudesse quando ela segurava uma espada? Teria sido mais feliz, se tivesse aquecido a mão no seio de sua amante?

6. Seria Fabrício[15] infeliz, porque, quando o Estado pôde poupá-lo, lavrou sua própria terra? Porque lutou contra as riquezas com tanta força como contra Pirro? Porque ceara juntamente do seu lar as próprias raízes e ervas que ele mesmo, embora velho, e triunfante, tinha arrancado enquanto limpava seu campo de ervas daninhas? E então? Teria sido mais feliz se se tivesse empanturrado de peixes de costas distantes, e de aves capturadas em terras estrangeiras? Se tivesse despertado o torpor do seu estômago enjoado com mariscos do alto e do baixo mar? Se tivesse amontoado um grande amontoado de frutas ao redor da caça primorosa, capturada às custas da morte de muitos caçadores?

7. Seria Rutílio[16] infeliz, porque aqueles que o condenaram terão que se justificar por todas as eras? Porque suportou a perda de sua pátria de forma mais composta que a do seu livramento? Porque foi o único homem que recusou tudo a Sula[17], o ditador, e quando foi liberado do exílio, foi mais longe e se baniu ainda mais. "*Que esses*", disse ele, "*que o seu feliz reinado*[18] *apanhar em Roma, vejam o Fórum encharcado de sangue, e as cabeças dos senadores acima do Lago de Servílio – o espoliário*[19] *das vítimas das proscrições de Sula foram despojadas – os bandos de assassinos que perambulam pela cidade, e muitos milhares de cidadãos romanos massacrados em um só lugar, por meio de uma promessa quebrada. Que os que não puderem ir ao exílio, que vejam estas coisas*".

8. Bem! Lúcio Sula é feliz[20], porque quando ele desce ao Fórum, lhe é feito espaço com golpes de espada, porque ele permite que as cabeças dos consulares lhe sejam mostradas, e conta o preço do sangue através do questor[21] e do erário público! E este, este foi o homem que aprovou a Lei Cornélia[22]!

9. Passemos agora ao caso de Régulo[23]: que mal lhe fez a sorte quando o fez exemplo de boa fé, exemplo de perseverança? Trespassam-lhe a pele com pregos: onde quer que ele encoste seu corpo cansado, repousa sobre uma ferida; seus olhos estão fixos eternamente; quanto maiores são seus sofrimentos, tanto maior é sua glória. Sabe o quanto ele está longe de se arrepender de ter valorizado sua honra por tal preço? Cure suas feridas e o envie novamente para o Senado; ele dará o mesmo parecer.

10. Então, você acha Macenas[24] um homem mais feliz, que quando perturbado pelo amor, e chorando os repulsos diários de sua esposa mal-humorada, procurava dormir escutando músicas distantes? Embora ele se embriague com vinho, se desvie com o som das águas cadentes e distraia seus pensamentos perturbados com mil prazeres, Mecenas não dormirá mais em suas almofadas de plumas do que Regulus na cruz. Mas console este último que sofre por causa da honra, e desvie o olhar dos seus tormentos para a causa deles: enquanto o outro, cheio de prazeres e doente por excesso de alegria, é mais atormentado pela causa dos seus sofrimentos do que pelos próprios sofrimentos.

11. O vício não se apoderou tanto da raça humana que, se aos homens fosse

permitido escolher seu destino, poderia haver qualquer dúvida, mas que mais escolheriam ser Régulo do que Mecenas: ou se houvesse alguém que ousasse dizer que preferiria nascer Mecenas do que Régulo, esse homem, quer o diga ou não, preferiria ter nascido Terência[25] (do que Cícero).

12. Você considera Sócrates maltratado, porque ele tomou aquela famosa poção, que o Estado lhe atribuiu como se fosse um encantamento para torná-lo imortal, e discutiu sobre a morte até a própria morte? Ele foi maltratado, porque seu sangue congelou e a corrente de suas veias gradualmente parou, à medida que o frio da morte se arrastava sobre elas?

13. Quanto mais invejável é este homem do que aquele que é servido em pedras preciosas, cuja embriaguez é uma criatura treinada para todo vício, um eunuco ou muito similar, refresca com a neve em um cálice de ouro? Homens como estes, que regurgitam tudo o que bebem, na miséria e no desgosto ao sabor da própria bile, enquanto Sócrates sorve alegremente e de bom grado o seu veneno.

14. Quanto a Catão, já se disse o bastante, e todos os homens devem concordar que a maior felicidade foi alcançada por alguém que foi escolhido pela própria Natureza como digno de lutar contra todos os seus terrores: "*A inimizade*", diz ela, "*dos poderosos é dolorosa, portanto que ele seja imediatamente contraposto por Pompeu, César e Crasso*[26]*: é doloroso, quando um candidato a cargos públicos, se vê derrotado por inferiores; portanto que ele seja derrotado por Vatínio*[27]*. É doloroso participar de guerras civis, portanto que lute em todas as partes do mundo pela boa causa com igual obstinação e má sorte: é doloroso atentar contra própria vida, portanto que o faça. O que alcançarei com isso? Que todos os homens saibam que estas coisas, que eu considerei dignas de Catão, não são males reais*".

IV

1. A prosperidade chega à multidão, tanto aos homens de mente inferior quanto aos grandes; mas é privilégio dos grandes homens enviarem sob o jugo[28] os desastres e terrores da vida mortal: enquanto que ser sempre próspero, e passar pela vida sem um pingo de angústia mental, é permanecer ignorante de uma metade da natureza.

2. Você é um grande homem; mas como hei de conhecê-lo, se a sorte não lhe dá oportunidade de mostrar a sua virtude? Você entrou na arena dos Jogos Olímpicos, mas sozinho: você tem a coroa, mas não a vitória: Não o felicito como um homem corajoso, mas como alguém que obteve um consulado ou pretorado. Você ganhou apenas dignidade.

3. Posso dizer o mesmo de um homem bom, se circunstâncias incômodas nunca lhe deram uma única oportunidade de mostrar a força da sua mente. "*Você é infeliz porque nunca foi infeliz: você passou pela sua vida sem encontrar um antagonista: ninguém conhecerá seus poderes, nem mesmo você mesmo*". Porque um homem não pode conhecer a si mesmo sem uma prova; ninguém jamais descobriu o que poderia fazer sem se pôr à prova; razão pela qual muitos se expuseram de livre vontade a infortúnios que já não se lhes apresentavam no caminho, e procuraram uma oportunidade de fazer brilhar diante do mundo a sua virtude, que de outra forma se teria perdido nas trevas.

4. Os grandes homens, digo eu, muitas vezes se alegram com cruzes da Fortuna, assim como os bravos soldados se alegram com as guerras. Lembro-me de ter ouvido Triunfo, que foi gladiador[29] no reinado de Tibério César, queixando-se da escassez de premiações. "*Que tempo glorioso*", disse ele, "é passado"[30]. A Valentia é ávida de perigos, e só pensa para onde se propõe a ir, não no que vai sofrer, pois até o que vai sofrer faz parte da sua glória. Soldados se orgulham de suas feridas, exibem alegremente seu sangue fluindo sobre seu peitoral. Embora aqueles que retornam sem ferimentos possam ter agido com tanta bravura, aquele que retorna ferido é mais

admirado.

5. Deus, digo eu, favorece aqueles a quem Ele deseja gozar das maiores honras, sempre que lhes proporciona os meios de realizar alguma façanha com espírito e coragem, algo que não é fácil de ser realizado: pode-se julgar um navegador em uma tempestade, um soldado em uma batalha. Como posso saber com que grande espírito você poderia suportar a pobreza, se transborda de riquezas? Como posso saber com que firmeza poderá suportar a desgraça, a desonra e o ódio público, se envelhecer ao som de aplausos, se o favor popular não puder ser afastado de você, e parecer fluir para você pela inclinação natural da mente dos homens? Como posso saber quão calmamente você suportaria ficar sem filhos, se você vê todos os seus filhos ao seu redor? Eu ouvi o que você disse quando estava consolando os outros: então eu deveria ter visto se você poderia ter se consolado, se você poderia ter se impedido de se lamentar.

6. Não tenha pavor das coisas que os deuses imortais aplicam como esporas à nossa mente: **o desastre é a oportunidade da virtude**. Esses homens podem ser justamente chamados de infelizes, aqueles que são entorpecidos pelo excesso de gozo, que o contentamento preguiçoso mantém como que se estivessem num mar calmo: o que quer que lhes suceda, lhes será desconhecido.

7. Os infortúnios pressionam mais os que não estão familiarizados com eles: o jugo parece pesado para o pescoço delicado. O recruta fica pálido ao pensar em uma ferida: o veterano, que sabe que muitas vezes ganhou a vitória depois de perder sangue, olha com ousadia para o seu próprio sangue fluente. Da mesma forma, Deus fortalece, revisa e exercita aqueles que Ele testa e ama: aqueles a quem Ele parece se entregar e perdoar, Ele mantém fora de condições para enfrentar suas desgraças vindouras: pois está enganado se supõe que alguém está isento de desgraças: aquele que há muito prosperou terá sua quota-parte algum dia; aqueles que parecem ter sido poupados, só conseguiram que fossem postergados.

8. Por que Deus aflige o melhor dos homens com males, ou tristezas, ou outros problemas? Porque no exército os serviços mais perigosos são atribuídos aos soldados mais corajosos: um general envia suas tropas mais seletas para atacar o inimigo em uma emboscada à meia-noite, para reconhecer sua linha de marcha, ou para expulsar as guarnições hostis de seus

baluartes. Nenhum desses homens diz ao iniciar sua marcha: “*O general me tratou mal*”, mas “*ele me julgou entre os melhores*”. Que aqueles que são convidados a sofrer o que faz chorar os fracos e covardes, digam da mesma forma: “*Deus nos julgou súditos dignos sobre os quais experimentar o quanto a natureza humana pode suportar o sofrimento*”.

9. Evitem o luxo, evitem o gozo efeminado, pelo qual a mente dos homens se amolece, e no qual, a menos que algo aconteça para lembrá-los da sorte comum da humanidade, eles ficam entorpecidos, como se mergulhados em contínua embriaguez. Aquele que tem as janelas envidraçadas sempre protegidos do vento, cujos pés são aquecidos por fomentos constantemente renovados[31], cuja sala de jantar é aquecida pelo ar quente abaixo do chão e espalhada pelas paredes, não pode enfrentar a brisa mais suave sem perigo.

10. Enquanto todos os excessos são dolorosos, o excesso de conforto é o mais doloroso de todos; afeta o cérebro; leva a mente dos homens a imaginações vãs; espalha uma espessa nuvem sobre os limites da verdade e da falsidade. Não é melhor, com a virtude ao seu lado, suportar o infortúnio contínuo, do que transbordar de um sem fim de coisas boas? É o estômago sobrecarregado que se rasga: a morte por jejum é mais suave.

11. Os deuses tratam os homens bons de acordo com a mesma regra dos professores com seus alunos, que exigem mais trabalho daqueles de quem têm mais esperanças. Você imagina que os lacedemônios[32], que testam a coragem de seus filhos através da flagelação pública, não os amam[33]? Seus próprios pais os convidam a suportar com bravura os golpes da vara e, quando estão rasgados e meio mortos, pedem-lhes que ofereçam sua pele ferida para receber novas feridas.

12. Por que, então, devemos nos perguntar se Deus põe à prova os espíritos nobres com severidade? Não pode haver prova fácil de virtude. A Fortuna nos chicoteia e nos lacera: bem, que a suportemos: não é crueldade, é uma luta, na qual, quanto mais nos engajamos, mais valentes seremos. A parte mais forte do corpo é aquela que é exercitada pelo uso mais frequente: devemos confiar-nos à Fortuna para sermos endurecidos por ela contra ela mesma: aos poucos ela nos fará um adversário a seu gosto. A familiaridade com o perigo nos leva a desprezá-lo.

13. Assim os corpos dos marinheiros são endurecidos pela resistência do mar,

e as mãos dos fazendeiros pelo trabalho; os braços dos soldados são poderosos para lançar dardos, as pernas dos corredores são ativas: a parte de cada homem que ele exerce é a mais forte: assim, pela resistência, a mente torna-se capaz de desprezar o poder das desgraças. Vejam o que o sofrimento pode fazer em nós, se observarem o que o trabalho faz nas tribos sem recursos e se tornam mais fortes pela penúria.

14. Vejam todas as nações que habitam além da *Pax Romana*[34]: refiro-me aos germânicos e a todas as tribos nômades que guerreiam contra nós ao longo do Danúbio. Eles sofrem com o inverno eterno, e um clima sombrio, o solo árido os alimenta, eles se mantêm longe da chuva com folhas ou palha, eles se arrastam por lagos congelados, e caçam feras selvagens para se alimentarem.

15. Você acha que eles são infelizes? Não há infelicidade no uso da própria natureza: aos poucos os homens encontram prazer em fazer o que foram levados a fazer pela primeira vez por necessidade. Não têm casa nem lugar de descanso, a não ser aqueles que o cansaço os indica para o dia; sua comida, embora grosseira, deve ser procurada com as próprias mãos; a dureza do clima é terrível, e seus corpos estão despidos. Isto, que você pensa ser uma provação, é o modo de vida de todas estas raças.

16. Como, então, você pode se surpreender com os bons homens sendo chacoalhados, para que possam ser fortalecidos? Nenhuma árvore contra a qual o vento não sopra com frequência é firme e forte; pois é endurecida pelo próprio ato de ser sacudida, e planta suas raízes com mais segurança: as que crescem num vale abrigado são quebradiças; e por isso é vantajoso para os homens bons, e faz com que sejam inflexíveis, que vivam em meio a calamidades, e aprendam a suportar com paciência os fatos que não são maus, a não ser para quem os suporta mal.

V

1. Acrescente a isto que é vantajoso para todos que os melhores homens, por assim dizer, estejam no serviço ativo e realizem trabalhos: Deus tem o mesmo propósito do homem sábio, ou seja, provar que as coisas que a multidão cobiça e teme não são boas nem más em si mesmas. Se, porém, Ele só os concede aos homens bons, será evidente que são coisas boas, e más, se só os inflige aos homens maus.

2. A cegueira seria execrável se ninguém perdesse os olhos, a não ser aqueles que merecem tê-los arrancados; portanto, que Ápio[35] e Metelo[36] estejam condenados às trevas. A riqueza não é uma coisa boa: que Élio, o cafetão, a possua, para que os homens que consagraram dinheiro no templo[37] possam ver o mesmo no bordel; pois, de modo algum pode Deus desacreditar objetos de desejo com tanta eficácia como ao outorgá-los aos piores dos homens e retirando-os dos melhores.

3. "*Mas*", você diz: "é injusto que um homem bom seja aleijado, ou transfixado, ou acorrentado, enquanto os homens maus se enredam com uma pele inteira". Não é injusto que homens corajosos levem armas, passem a noite em acampamentos e fiquem de guarda ao longo da muralha com suas feridas ainda enfaixadas, enquanto dentro da cidade os eunucos e os pederastas efeminados profissionais vivem à vontade? O quê? Não é injusto que donzelas do mais alto dos nascimentos sejam acordadas à noite para realizar o serviço divino[38], enquanto as mulheres devassas desfrutam do sono mais sadio?

4. O trabalho exige os melhores homens: o senado muitas vezes passa o dia inteiro em debate, enquanto ao mesmo tempo todo canalha ou entretém seu lazer no Campo de Marte[39], ou espreita em uma taberna, ou passa seu tempo em alguma sociedade agradável. O mesmo acontece nesta grande república (do mundo): os bons homens trabalham, desgastam-se e são gastos, e isso também por vontade própria; não são arrastados pela Fortuna, mas a seguem e dão passos iguais com ela; se soubessem como, a ultrapassariam.

5. Lembro-me, também, de ter ouvido esse ditado espirituoso do coração mais forte dos homens, Demétrio. “*Vocês, Deuses imortais*”, disse ele, “*a única queixa que tenho a fazer de vocês é que não me fizeram conhecer mais cedo a sua vontade; pois então eu teria entrado mais cedo naquele estado de vida para o qual fui chamado agora. Você deseja levar meus filhos? Foi por você que eu os criei. Quer tomar alguma parte do meu corpo? Tome: não é grande coisa que eu esteja lhe oferecendo, eu logo entregarei ele todo. Deseja a minha vida? Por que hesitaria em devolver-lhe o que me deu? Tudo o que você pedir, receberá com a minha boa vontade: não, prefiro dá-lo do que ser obrigado a entregá-lo a você: que necessidade tinha de tirar o que me deu? Você poderia tê-lo recebido de mim: no entanto, como não pode tirar nada de mim, porque não pode roubar um homem a menos que ele resista*”.

6. Não sou obrigado a nada, nada sofro contra a minha vontade, nem sou escravo de Deus, mas seu seguidor disposto, e tanto mais porque sei que tudo é ordenado e procede de acordo com uma lei e de valor eterno.

7. O destino nos guia, e a duração dos dias de cada homem é decidida na primeira hora de seu nascimento: toda causa depende de alguma causa anterior: uma longa cadeia de destinos decide todas as coisas, públicas ou privadas. Portanto, tudo deve ser suportado pacientemente, porque os acontecimentos não são fortuitos, como imaginamos, mas vêm por uma lei regular. Há muito tempo ficou estabelecido aquilo que se deve alegrar e aquilo que se deve chorar, e embora a vida dos homens individuais pareça diferir entre si em uma grande variedade de detalhes, ainda assim a soma total chega a uma e a mesma coisa: logo perecemos, e os bens que recebemos logo perecem.

8. Por que, então, devemos estar indignados? Por que deveríamos lamentar-nos? Estamos preparados para o nosso destino: que a natureza lide como quiser com o seu próprio corpo; que estejamos satisfeitos com o que quer que aconteça, e que reflitamos com firmeza que não é nada próprio nosso que perece. **Qual é o dever de um homem bom? Submeter-se à Fortuna**.É de grande consolo ser arrastado junto com todo o universo: qualquer lei que nos seja imposta, que assim devemos viver e assim devemos morrer, é imposta também aos deuses: uma corrente imutável transporta tanto os homens quanto os deuses: o próprio criador e governante do universo, embora tenha

dado leis aos destinos, é guiado por elas: obedece para sempre, somente uma vez ordenou.

9. “Mas por que Deus foi tão injusto na sua distribuição do destino, a ponto de atribuir pobreza, feridas e mortes prematuras aos homens bons? O trabalhador não pode alterar seus materiais: esta é a natureza deles. Algumas qualidades não podem ser separadas de outras: elas se agarram umas às outras; são indivisíveis. Mentes embotadas, tendendo a dormir ou a um estado de vigília exatamente como o sono, são formadas por elementos preguiçosos: são necessárias coisas mais fortes para formar um homem merecedor de uma criteriosa definição. Seu curso não será linear; deve ir para cima e para baixo, ser sacudido, e guiar sua embarcação por águas turbulentas: deve fazer seu caminho apesar da Fortuna: encontrará muito que é duro, que deve amaciar, muito que é áspero, que deve suavizar. O fogo prova o ouro, a desgraça prova os homens corajosos.

10. Veja o quanto a virtude tem de subir: você pode ter certeza de que não tem caminho seguro para trilhar.

"A princípio, o caminho é íngreme: os corcéis, embora fortes,
Frescos de seu descanso, dificilmente podem seguir rastejando;
A parte do meio fica no céu mais alto,
De onde, como eu, a terra e o mar descrevo,
Eu estremeço, terrores através da emoção do meu peito.
O fim do caminho é pura ladeira abaixo,
E carece da orientação cuidadosa da rédea,
Para sempre, quando eu afundo sob o principal,
A velha Tétis treme em suas profundezas abaixo
Para não cair de cabeça sobre ela eu deveria ir"[40].

11. Quando o jovem espirituoso ouviu isso, ele disse: “*Eu não tenho culpa de encontrar com a estrada: Eu vou subir, vale a pena passar por esses lugares, mesmo que se caia*.” Seu pai não deixou de procurar amedrontar seu espírito corajoso com terrores:

"Então, também, para que possas manter o teu curso,
E nem se desvie para a esquerda nem para a direita,

Em linha reta através dos chifres da queda do Touro seu caminho deve ir,

Através do feroz Leão, e do arco do Centauro".[41]

Depois disto Faetonte diz:

"Atrele a carruagem que você cede a mim, eu me sinto encorajado por essas coisas com as quais você pensa em me assustar: Anseio por ficar onde o próprio Sol estremece ao ficar".

É próprio das pessoas rasteiras e covardes a seguir o caminho seguro; a coragem ama um caminho sublime.

VI

1. “No entanto, por que Deus permite que o mal aconteça aos homens bons?”. Ele não permite: Ele tira deles todos os males, como crimes e maldades escandalosas, pensamentos ousados, estratagemas de ganância, luxúrias cegas e avareza que cobiça os bens do seu próximo. Ele os protege e salva. Alguém além disso quer exigir que Deus cuide também da bagagem dos homens bons? Porque, eles mesmos dispensam o cuidado de Deus por isso: desdenhando os acessórios externos.

2. Demócrito[42] renunciou às riquezas, considerando-as um fardo para uma mente virtuosa: que maravilha, então, se Deus permitir que isso aconteça a um homem bom, o que um homem bom às vezes escolhe que aconteça a si mesmo? Os bons homens, diz você, perdem seus filhos: por que não o fariam, já que às vezes até os matam[43]? São exilados: por que não o deveriam ser, já que às vezes deixam seu país de livre vontade, para nunca mais voltar? São mortos: por que não, já que, às vezes, optam por lançar mãos violentas sobre si mesmos?

3. Por que sofrem certas misérias? É para que possam ensinar aos outros como fazê-lo. Eles nascem como padrões. Considere, portanto, que Deus diz: “ Você, que escolheu a justiça, que queixa você pode fazer de mim? Eu envolvi outros homens com coisas boas e irreais, e enganei suas mentes ingênuas como que por um sonho longo e enganador: Eu os adornei com ouro, prata e marfim, mas dentro deles não há nada de bom.

4. Aqueles homens que você considera afortunados, se você pudesse ver, não o seu espetáculo exterior, mas a sua vida oculta, concluiria que são realmente infelizes, mesquinhos e sórdidos, ornamentados no exterior como as paredes de suas casas: essa boa fortuna deles não é sólida e genuína: é apenas um verniz, e esse é um verniz fino. Por isso, enquanto puderem ficar de pé e mostrar-se como quiserem, brilham e se impõem; quando algo ocorre para sacudi-los e desmascará-los, vemos quão profunda e real era a podridão escondida por essa magnificência fictícia.

5. A você tenho dado coisas boas, seguras e duradouras, que se tornam maiores e melhores quanto mais se as vira e as vê de todos os lados: tenho concedido a você desprezar o perigo, desdenhar a paixão. Você não brilha externamente, todas as suas boas qualidades estão voltadas para dentro; mesmo assim, o mundo negligencia o que fica sem ele, e se alegra com a contemplação de si mesmo. Coloquei cada coisa boa dentro dos seus próprios seios: é sua sorte não precisar de nenhuma boa sorte.

6.”*No entanto, muitas coisas te acontecem que são tristes, terríveis, difíceis de serem suportadas*”. Bem, como não fui capaz de removê-los do seu caminho, dei força à sua mente para combater a todos: suportá-los com bravura. Nisto você pode superar o próprio Deus; Ele está além de sofrer o mal; você está acima do sofrimento. Despreze a pobreza; nenhum homem vive tão pobre quanto ele nasceu: despreze a dor; ou ela cessará ou você cessará; despreze a morte; ou ela acaba com você ou o leva a outro lugar: despreze a Fortuna; não lhe dei nenhuma arma que possa alcançar a alma.

7. Acima de tudo, cuidei para que ninguém o mantivesse cativo contra a sua vontade: o caminho da fuga está aberto diante de você: se não escolher lutar, pode fugir. Por esta razão, de todos os assuntos que considerei essenciais para você, nada mais fácil do que morrer. Coloquei a vida do homem como se estivesse numa montanha: basta um empurrão[44]. Basta observar, e você verá como um caminho curto e pronto leva à liberdade. Não impus aos que abandonam o mundo tantas delongas como aos que entram nele: se não fosse assim, a Fortuna teria um amplo domínio sobre você, caso um homem morresse tão lentamente quanto ele nasce.

8. Que cada tempo, cada lugar o ensine, como é simples renunciar à natureza e devolver-lhe os seus dons: diante do próprio altar e durante os ritos solenes de sacrifício, enquanto se reza pela vida, aprenda a morrer. Os bois gordos caem mortos com uma pequena ferida; um golpe da mão de um homem derruba animais de grande força: as ligações cervicais são rompidas por uma lâmina fina, e quando a articulação que liga a cabeça e o pescoço é cortada, toda aquela grande massa cai.

9. O espírito vital não é profundo, nem apenas para ser solto pelo aço - os sinais vitais não precisam ser procurados ao longo de todo o corpo por meio do afundamento de uma espada até o punho: a morte está perto da superfície.

Eu não marquei nenhum ponto em particular para esses golpes - o corpo pode ser perfurado onde você quiser. Esse ato que se chama morrer, pelo qual o espírito vital deixa o corpo, é muito breve para que você possa estimar sua velocidade: se um nó esmaga a traquéia, ou se a água impede sua respiração: se você cai de cabeça de uma altura e perece sobre o solo duro abaixo, ou se um bocado de fogo interrompe sua respiração - o que quer que seja, age rapidamente. Você não se envergonha de passar tanto tempo temendo o que leva tão pouco tempo para acontecer?

NOTAS

4 Lucílio é um grande amigo a quem Sêneca também dedica as suas "124 Cartas de um Estoico" e a obra "Questões Naturais". Sêneca tenta convertê-lo do epicurismo para o estoicimo.

5 Era constume dos aristocratas romanos manterem escravos que exerciam o papel de bufões, fazendo piadas e provocando os presentes em festas. Sêneca detalha o constume no diálogo Sobre a Constância do Sábio.

6 Em sua época, alguns jovens, mesmo de origem nobre, chegaram a tomar parte nos espetáculos de gladiadores. Sêneca critica esse constume em as suas "124 Cartas de um Estoico". Posteriormente, até mesmo o imperador Comodo participou em batalhas.

7 Sêneca também usa em latim a palavra "par", um termo técnico na linguagem do esporte, semelhante ao Sparring no boxe e em outas artes marciais.

8 **Marco Pórcio Catão Uticense**, também conhecido como Catão de Útica ou Marco Pórcio Catão, o Jovem, ou o Moço foi um político romano célebre pela sua inflexibilidade e integridade moral. É usando frequentemente por Sêneca como exemplo do sábio estoico. (ver próxima nota)

9 **Catão** cometeu suicídio, quando, derroado em seus ideais, viu o fim da república. Plutarco assim narra sua morte: "Catão empunhou a espada e a enterrou em seu peito. A inflamação da mão o impediu de desferir o golpe com a força necessária para que expirasse na hora — e, lutando contra a morte, ele caiu da cama e derrubou um ábaco de figuras geométricas que estava a seu lado. Com o ruído da queda do ábaco por terra, os escravos soltaram um grande grito, e os filhos e amigos de Catão acorreram ao quarto: eles o viram todo ensanguentado, quase todas as vísceras pulavam-lhe do corpo, mas ele ainda estava vivo e tinha os olhos abertos. Esse espetáculo causou neles um grande choque. O médico chega e, ao atestar que as vísceras não estavam afetadas, tenta recolocá-las no lugar e suturar a ferida. Catão, no entanto, recuperava-se do desmaio: quando recobrou os sentidos, repeliu o médico, reabriu o corte e dilacerou com as mãos suas entranhas. E morreu". (Vida de Catão, o Jovem, LXIX-LXX)"

10 **Marco Petreio** foi um político e general da República Romana. É famoso principalmente por ter

cercado e assassinado o notório rebelde Catilina em Pistória. Participou da Segunda Guerra Civil da República Romana no partido dos pompeianos.

11 **Juba I** (c. 85 a.C. - 46 a.C.) foi rei da Numídia inimigo de Júlio César. Durante a guerra civil (primeiro triunvirato), Juba colocou-se decididamente ao lado dos republicanos. Juba conduziu o exército númida, comandado pelo general romano, Petreio, à Batalha de Tapso, na qual as forças pompeistas sofreram esmagadora derrota. Após a batalha, Juba e Petreio buscaram refúgio em Zama, porém foram escorraçados pelos habitantes da cidade, temerosos de uma possível vingança de Júlio César. Não vendo outra saída senão a morte, os dois decidiram travar um duelo suicida, acertando que o sobrevivente matar-se-ia em seguida. Na luta, Juba matou Petreio e depois dirigiu sua espada contra seu próprio corpo.

12 Sêneca utiliza vários mitos que cercam a morte de Catão: como narrado por Plutarco, na véspera de cometer suicídio, Calão ajudou muitos a fugir e, à notte, ficou lendo sobre a morte de Sócrates por Platão e estudando filosofia.

13 **Demétrio de Corinto** foi um filósofo cínico de Corinto que viveu em Roma durante os reinos de Calígula, Nero e Vespasiano. Foi amigo de Sêneca. O cinismo é uma corrente filosófica usada como base do estoicismo, desenvolvida por Diógenes. Zenão, o fundador do estoicismo, foi discípulo do cínico Crates. Ao escrever “Demetri nostri”, Sêneca o inclui na escola estoica.

14 **Caio Múcio Cévola** (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: “Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!”. Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado.

15 **Caio Fabrício Luscino**. Em 280 a.C., depois que os romanos foram derrotados por Pirro na Batalha de Heracleia, Fabrício, e outros, negociaram os termos da paz com o soberano grego. Plutarco relata que Pirro ficou impressionado com sua incapacidade de subornar Fabrício e libertou os prisioneiros sem exigir o resgate. As histórias sobre Fabrício são os padrões de austeridade e incorruptibilidade, muito parecidas com as contadas sobre Cúrio Dentato e Cícero frequentemente cita os dois juntos; por isto, o é difícil perceber a verdadeira personalidade por baixo de suas virtudes. No Purgatório da Divina Comédia de Dante, no Canto XX, Fabrício aparece como um exemplo de virtude contrário à avareza conforme ele e Virgílio passeiam pelo reino do Purgatório, reforçando também a conexão com a pobreza que resulta do ascetismo. Conta a história que os princípios de Fabrício estavam tão arraigados em seu caráter que ele teria sofrido um intenso empobrecimento, morrendo como um mendigo e enterrado às custas do estado.

16 **Públio Rutílio Rufo** despertou o ódio dos ordem equestre, à qual pertencia a maior parte dos publicanos. Em 92 a.C., foi acusado de extorsão justamente por estes provincianos que havia tentado proteger e, apesar de a acusação ser amplamente tida como falsa, o júri, composto quase que

inteiramente de equestres, o condenou. Rufo aceitou o veredito resignado, um comportamento estoico esperado para um discípulo de Panécio. Cícero, Lívio, Veleio Patérculo e Valério Máximo concordam em que era um homem honrado e íntegro e a sua condenação foi resultado de uma conspiração.

17 **Lúcio Cornélio Sula**, foi um político da gente Cornélia da República Romana eleito cônsul por duas vezes. Foi também eleito ditador em 82 a.C., o primeiro desde o final do século III a.C. Depois de se destacar na Guerra contra Jugurta, na Guerra Címbrica e na Guerra Social, as tentativas de Caio Mário de removê-lo do comando do exército, que seguia para combater Mitrídates VI do Reino do Ponto, o levaram a marchar contra a própria Roma para restaurar o status quo anterior pela força das armas: a primeira vez em toda a história que um exército romano invadiu a cidade. Em 84, voltou a rebelar- e e invadir a Itália, auferindo apoio de muitos aristocratas e derrotando, em 83, os legalistas. Reinstalado no poder, recebeu o título de ditador e promoveu uma grande revolução, implantando reformas políticas e fazendo perseguições e massacres cruéis. Acreditando-se um predestinado, atribuiu a si mesmo o cognome Felix ("Feliz’’)

18 Trocadilho com o cognome ***Felix*** (feliz) auto-atribuido por Sula.

19 Metáfora com o termo ***Spoliarium***, derivado de spolio, era o lugar próximo aos anfiteatros onde os gladiadores mortos tinham as roupas e armas retiradas.

20 Novamente Trocadilho com o cognome ***Felix*** (feliz) auto-atribuido por Sula.

21 ***Questor*** era o primeiro passo na hierarquia política da Roma Antiga (cursus honorum). O cargo, que implicava funções administrativas, era geralmente ocupado por membros da classe senatorial com menos de 32 anos. O mandato como questor dava acesso direto ao colégio do senado romano. Por serem os cobradores de impostos do império, eram mal-vistos pela população.

22 ***Lex Cornelia de sicariis et veneficis*** (Lei Cornélia sobre apunhaladores e envenenadores), promulgada no ano 81 a.C. a reforma jurídica proposta por Lúcio Cornélio Sula. A lei estabeleceu a pena de morte como sanção a quem praticasse envenenamento e apunhalamentos a perda da vida de quem as sofria. A lei também sentenciava a morte a quem desse, preparasse, vendesse ou confeccionasse os venenos ou providenciava meios para consumar o atentado seja material, ou mesmo instigasse a quem o fizesse.

23 **Marco Atílio Régulo** (299 a.C. – 246 a.C.; em latim: Marcus Atilius Regulus). Conta a tradição que os cartagineses teriam enviado o ilustre prisioneiro a Roma para que ele convencesse seus concidadãos a cederem à paz. O combinado era que, se ele não conseguisse fazê-lo, deveria retornar a Cartago para ser executado. Régulo, ao invés de defender a paz, revelou aos romanos as condições político-econômicas dos inimigos exortando-os a tentarem um último esforço, pois Cartago não conseguiria resistir à pressão da guerra e seria derrotada. Ao término de seu discurso, honrando a sua palavra, retornou para Cartago e foi torturado e executado. Aparentemente, a tortura infligida a Régulo, que teve as pálpebras cortadas e, foi ser rolado morro abaixo dentro de um barril cheio de pregos.

24 **Caio Cílnio Mecenas** (70 a.C. — 8 a.C.) foi um político, estadista e patrono das letras. Administrou a fortuna da sua rica família e foi um conselheiro de confiança do imperador Augusto. Mais tarde aposentou-se e devotou todos os seus esforços a seu círculo literário famoso, que incluiu Horácio, Virgílio, e Propércio, patrocinando-os com amizade, bens materiais e protecção política. Na actualidade seu nome é o símbolo do patronato rico, generoso das artes. Para o círculo de Sêneca, no entanto, Mecenas era uma figura muito depreciada. Seu casamento com Terência (irmã de Aulus Terentius Varro Murena) acabou acabou em divórcio.

25 **Terência** (98 a.C - 6 d.C) foi a esposa do conhecido orador Marco Túlio Cicero. Ela foi

fundamental na vida política de Cícero, tanto como benfeitora quanto como fervorosa ativista de sua causa.

26 Referência ao **Primeiro Triunvirato**, acordo de partilha de poder e territórios entre Crasso, Júlio César e Pompeu.

27 **Públio Vatínio** (Publius Vatinius) foi um político da gente Vatínia da República Romana eleito cônsul em 47 a.C. com Quinto Fúfio Caleno. Cícero, em seu discurso contra Vacínio, o descreve como um dos maiores vilões da história romana e relata que seu aspecto pessoal era desagradável porque ele tinha o rosto e o colo cobertos por inchaços. Numa alusão a eles, Cícero o chama de "struma civitatis". É mencionado em ***Sobre a Constância do Sábio***.

28 **Jugo, parelha ou canga** é uma peça de madeira encaixada sobre a cabeça dos bois para que possam ser atrelados a uma carroça ou a um arado. Ou seja, para triunfar. "Duas lanças foram colocadas de pé.... e uma terceira foi presa sobre elas no topo; e através desta porta o exército vencido marchou, como um sinal de que tinham sido conquistados na guerra, e deviam suas vidas à misericórdia do inimigo. Não foi um insulto peculiar concebido para esta ocasião, mas um uso comum, até onde aparece, em casos semelhantes; como a cerimônia moderna de empilhar armas quando uma guarnição ou exército se rende como prisioneiros de guerra" - História de Roma de Arnold, capítulo XXXI.

29 Ele era um "mirmillo", uma espécie de gladiador que usava um capacete gaulês.

30 Tibério era contrário aos jogos, tendo-os restringido.

31 Alusão ao sistema de calefação da casas dos aristocratas romanos. Um sistema de aquecimento por circulação de ar quente em baixo do piso e através das paredes, chamado ***Hypocaust***: O piso era formado por uma camada de concreto, que se apoiava em pilares de tijolos (suspensura) em um espaço oco destinado a circulação de ar quente. Este sistema poderia ser completado transportando o ar quente também pelas paredes.

32 Espartanos. **Esparta** ou **Lacedemônia** foi uma proeminente cidade-Estado da Grécia Antiga, situada nas margens do rio Eurotas, na Lacônia, sudeste do Peloponeso. Ela surgiu como uma entidade política em torno do século X a.C., quando os invasores dórios subjugaram a população local. Por volta de 650 a.C., a cidade passou a se tornar o poder terrestre militar dominante na Grécia Antiga.

33 ***Diamastígosis***: Cerimônia pública de flagelação que ocorria em Esparta uma vez por ano, a fim de testar caráter e a resistência dos jovens.

34 ***Pax Romana***, expressão latina para "A Paz Romana", é o longo período de relativa paz, gerada pelas armas e pelo autoritarismo, experimentado pelo Império Romano que iniciou-se quando Augusto, em 28 a.C., declarou o fim das guerras civis e durou até o ano da morte do imperador Marco Aurélio, em 180 d.C.. Neste período, a população romana viveu protegida do seu maior receio: as invasões dos bárbaros que viviam junto às fronteiras. Sêneca usa o termo como delimitação geográfica, indicando a extensão territorial do Estado romano.

35 Ápio Cláudio Cego (em latim: Appius Claudius Caecus) foi um político da gente Cláudia da República Romana, eleito cônsul por duas vezes, em 307 e 296 a.C. Foi uma figura particularmente importante, caracterizada por uma grande sensibilidade sobre a sociedade grega e que quis demonstrar que a fusão desta com o mundo romano resultaria em um profundo enriquecimento para Roma. Foi o primeiro intelectual latino dedicado à atividade literária e interessado na filosofia, considerada, na tradição romana arcaica, uma atividade inútil e indigna de um cidadão. Segundo a lenda, a cegueira que lhe acometeu em seus últimos anos, da qual deriva seu cognomen "Cego" ("Caecus"), foi provocada

pela ira dos deuses por causa da sua ideia de unificar o panteão greco-romano com os celta e germânico.

36 **Lúcio Cecílio Metelo** (290 a.C. – 221 a.C.; em latim: Lucius Caecilius Metellus) foi um político da família dos Metelos da gente Cecília da República Romana eleito cônsul por duas vezes, em 251 e 247 a.C. Segundo a lenda, ficou cego quando, num ato de bravura, entrou no templo vestal em chamas para salvar o Paládio, estátua de Atenas que garantia, na fé dos romanos, a continuidade da exitência de Roma.

37 Os romanos tinham respeito religioso pelo dinheiro, a ponto de consagrar um templo·à deusa Pecúnia.

38 Referência às **vestais** (em latim virgo vestalis), na Roma Antiga, eram sacerdotisas que cultuavam a deusa romana Vesta. Era um sacerdócio exclusivamente feminino, restrito a seis mulheres que seriam escolhidas entre a idade de 6 a 10 anos, servindo durante trinta anos. Durante esse período, as virgens vestais eram obrigadas a preservar sua virgindade e castidade, pois qualquer atentado a esses símbolos de pureza significariam um sacrilégio aos deuses romanos e, portanto, também à sociedade romana.

39 ***Campus Martius***, parque usado para lazer em Roma

40 Estes versos são das Metamorfoses de Ovídio, II, 63-69. Apolo está tentando demover seu filho Faetonte de dirigir sua carruagem do Sol.

41 Metamorfoses de **Ovídio**, II, 79-81. Seguem as palavras de Apolo. As respotas de Faetonte são criação de Sêneca.

42 **Demócrito de Abdera** (ca. 460 a.C. — 370 a.C.) foi um filósofo pré-socrático da Grécia Antiga. Do ponto de vista filosófico, a maior parte de suas obras (segundo a doxografia) tratou da ética e não apenas da physis (cujo estudo caracterizava os pré-socráticos). Demócrito foi discípulo e depois sucessor de Leucipo de Mileto. Sua fama decorre do fato de ele ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. Não há certeza se a teoria foi concebida por ele ou por seu mestre Leucipo, e a ligação estreita entre ambos dificulta a identificação do que foi pensado por um ou por outro. Todavia, parece não haver dúvidas de ter sido Demócrito quem de fato sistematizou o pensamento e a teoria atomista. Demócrito avançou também o conceito de um universo infinito, onde existem muitos outros mundos como o nosso.

43 Existem inúmeros casos na história de Roma, sendo o de Bruto o mais célebre: Lúcio Júnio Bruto (Lucius Iunius Brutus) foi um personagem lendário, considerado o fundador da República, e um dos dois primeiros cônsules de Roma, em 509 a.C. , foi um exemplo de justiça implacável. Tendo seus filhos tomado parte de uma conspiração com o fim de restaurar o trono dos Tarquínio, Bruto, inteirado da verdade, em vez de usar de seu poder para dar-lhes o perdão, proferiu a sentença que mereciam como traidores e, antepondo os deveres para com a pátria ao amor pela família, condenou à morte os próprios filhos.

44 Nota de Stewart: Compare Walter Scott: “Todos... devem ter sentido que, exceto pelos ditames da religião, ou pelo recuo natural da mente da ideia de dissolução, houve momentos em que estariam dispostos a jogar fora a vida como uma criança faz com um brinquedo quebrado”. Tenho certeza de que conheço alguém que já sentiu isso muitas vezes. Ó Deus! o que somos nós - senhores da natureza? - Por que, um azulejo cai de uma casa, que um elefante não sentiria mais do que um pedaço de papelão, e aí jaz sua senhoria. Ou algo de origem inconcebivelmente minúscula, a pressão de um osso, ou a inflamação de uma partícula do cérebro, e o emblema da Deidade se destrói a si mesmo ou a outra

pessoa. Nós mantemos nossa saúde e nossa razão em termos mais leves do que qualquer um desejaria, se fosse de sua escolha, segurar uma cabana irlandesa” - Vida de Sir Walter Scott, vol. vii., p. 11.

ORIGINAL LATIM - DE PROVIDENTIA

QUARE BONIS VIRIS MULTA MALA ACCIDANT, CUM SIT PROVIDENTIA

L. ANNÆI SENECÆ QVARE BONIS VIRIS mala accidant, cùm sit prouidentia.

LIBER VNVS.

CAPVT I.

10 QVAESISTI a me, Lucili, quid ita, si prouidentia mundus ageretur, multa bonis viris acciderent mala. Hoc commodius in contextu operis redderetur, cum praesse vniuersis prouidentiam probaremus, & interesse nobis Deum. Sed quoniam à toto particulam reuelli placet, & vnam
20 contradictionem manente lite integra soluere, faciam rem non difficilem, causam deorum agam. Superuacuum est in praesentia ostendere non sine aliquo custode tantum opus stare, nec hunc siderum certum discursum fortuiti impetus esse, & quae casus incitat, sæpe turbari, & cito arietare: hanc inoffensam velocitatem procedere æternæ legis imperio, tantum rerum terra mariqúe gestantem, tantum clarissimorum lu-
30 minum & ex dispositione lucentium: non esse materiæ errantis hunc ordinem: neque quæ temerè coierunt, tanta arte pendere, vt terrarum grauissimum pondus sedeat immotum, & circa se properantis cœli fugam spectet, vt infusa vallibus maria molliant terras, nec vllum incre-

I

1. Quaesisti a me, Lucili, quid ita, si providentia mundus regeretur, multa bonis viris mala acciderent. Hoc commodius in contextu operis redderetur, cum praeesse universis providentiam probaremus et interesse nobis deum ; sed quoniam a toto particulam revelli placet et unam contradictionem manente lite integra solvere, faciam rem non difficilem, causam deorum agam.

2. Supervacuum est in praesentia ostendere non sine aliquo custode tantum opus stare nec hunc siderum coetum discursumque fortuiti impetus esse, et quae casus incitat saepe turbari et cito arietare, hanc inoffensarn velocitatem procedere aeternae legis imperio [p. 4] tantum rerum terra marique gestantem, tantum clarissimorum luminum et ex disposito relucentium ; non esse materiae errantis hunc ordinem nec quae temere coierunt tanta arte pendere, ut terrarum gravissimum pondus sedeat immotum et circa se properantis caeli fugam spectet, ut infusa vallibus maria molliant terras nec ullum incrementum fluminum sentiant, ut ex minimis seminibus nascantur ingentia.

3. Ne illa quidem quae videntur confusa et incerta, pluvias dico nubesque et elisorum fulminum iactus et incendia ruptis montium verticibus effusa, tremores labantis soli aliaque quae tumultuosa pars rerum circa terras movet, sine ratione, quamvis subita sint, accidunt, sed suas et illa causas habent non minus quam quae alienis locis conspecta miraculo sunt, ut in mediis fluctibus calentes aquae et nova insularum in vasto exsilientium mari spatia.

4. Iam vero si quis observaverit nudari litora pelago in se recedente eademque intra exiguum tempus operiri, credet caeca quadam volutatione modo contrahi undas et introrsum agi, modo erumpere et magno cursu repetere sedem suam, cum interim illae portionibus crescunt et ad horam ac diem subeunt ampliores [p. 6] minoresque, prout illas lunare sidus elicuit, ad cuius arbitrium oceanus exundat. Suo ista tempori re- serventur, eo quidem magis quod tu non dubitas de providentia sed querens.

5. In gratiam te reducam cum diis adversus optimos optimis. Neque enim rerum natura patitur ut umquam bona bonis noceant ; inter bonos viros ac deos amicitia est conciliante virtute. Amicitiam dico ? Immo etiam necessitudo et similitudo, quoniam quidem bonus tempore tantum a deo differt, discipulus eius aemulatorque et vera progenies, quam parens ille magnificus, virtutum non lenis exactor, sicut severi patres, durius educat.

6. Itaque cum videris bonos viros acceptosque diis laborare, sudare, per arduum escendere, malos autem lascivire et voluptatibus fluere, cogita filiorum nos modestia delectari, vernularum licentia, illos disciplina tristiori contineri, horum ali audaciam. Idem tibi de deo liqueat. Bonum virum in deliciis non habet, experitur, indurat, sibi illum parat.

II

1. “ Quare multa bonis viris adversa eveniunt ? “ Nihil accidere bono viro mali potest ; non miscentur contraria. Quemadmodum tot amnes, tantum superne deiectorum imbrium, tanta medicatorum vis fontium non mutant saporem maris, ne remittunt quidem, ita adversarum impetus rerum viri fortis non vertit ani- [p. 8] mum. Manet in statu et quicquid evenit in suum colorem trahit ; est enim omnibus externis potentior.

2. Nec hoc dico : non sentit illa, sed vincit et alioqui quietus placidusque contra incurrentia attollitur. Omnia adversa exercitationes putat. Quis autem, vir modo et erectus ad honesta, non est laboris adpetens iusti et ad officia eum periculo promptus ? Cui non industrio otium poena est ?

3. Athletas videmus, quibus virium cura est, eum fortissimis quibusque confligere et exigere ab is per quos certamini praeparantur, ut totis contra ipsos viribus utantur ; caedi se vexarique patiuntur et si non inveniunt singulos pares, pluribus simul obiciuntur. Marcet sine adversario virtus;

4. tunc apparet quanta sit quantumque polleat, cum quid possit patientia ostendit. Scias licet idem viris bonis esse faciendum, ut dura ac difficilia non reformident nec de fato querantur, quicquid accidit boni consulant, in bonum vertant. Non quid sed quemadmodum feras interest.

5. Non vides quanto aliter patres, aliter matres indulgeant ? Illi excitari iubent liberos ad studia obeunda mature, feriatis quoque diebus non patiuntur esse otiosos et sudorem illis et interdum lacrimas excutiunt; at matres fovere in sinu, continere in umbra volunt, numquam contristari, numquam flere, num- quam laborare.

6. Patrium deus habet adversus bonos [p. 10] viros animum et illos fortiter amat et “ Operibus,” inquit, “ doloribus, damnis exagitentur, ut verum colligant robur.” Languent per inertiam saginata nec labore tantum sed motu et ipso sui onere deficiunt. Non fert ullum ictum inlaesa felicitas ; at cui assidua fuit cum incommodis suis rixa, callum per iniurias duxit nec ulli malo cedit sed etiam si cecidit de genu pugnat.

7. Miraris tu, si deus ille bonorum amantissimus, qui illos quam optimos esse atque excellentissimos vult, fortunam illis cum qua exerceantur adsignat ? Ego vero non miror, si aliquando impetum capiunt spectandi magnos viros conluctantis cum aliqua calamitate.

8. Nobis interdum voluptati est, si adulescens constantis animi irruentem feram venabulo excepit, si leonis incursum interritus pertulit, tantoque hoc spectaculum est gratius, quanto id honestior fecit. Non sunt ista, quae possint deorum in se vultum convertere, puerilia et humanae oblecta- menta levitatis.

9. Ecce spectaculum dignum ad quod respiciat intentus operi suo deus, ecce par deo dignum, vir fortis cum fortuna mala compositus, utique si et provocavit. Non video, inquam, quid habeat in terris Iuppiter pulchrius, si eo[45] convertere animum velit, quam ut spectet Catonem iam partibus non semel fractis stantem nihilo minus inter ruinas publicas rectum.

10. “ Licet,” inquit, “omnia in unius [p. 12] dicionem concesserint, custodiantur legionibus terrae, classibus maria, Caesarianus portas miles obsideat ; Cato qua exeat habet ; una manu latam libertati viam faciet. Ferrum istud, etiam civili bello purum et innoxium, bonas tandem ac nobiles edet operas : libertatem, quam patriae non potuit, Catoni dabit. Aggredere, anime, diu meditatum opus, eripe te rebus humanis. Iam Petreius et Iuba concucurrerunt iacentque alter alterius manu caesi. Fortis et egregia fati conventio, sed quae non deceat magnitudinem nostram ; tam turpe est Catoni mortem ab ullo petere quam vitam.”

11. Liquet mihi cum magno spectasse gaudio deos, dum ille vir, acerrimus sui vindex, alienae saluti consulit et instruit discedendum fugam, dum studia etiam nocte ultima tractat, dum gladium sacro pectori infigit, dum viscera spargit et illam sanctissimam animam indignamque quae ferro contaminaretur manu educit.

12. Inde crediderim fuisse parum certum et efficax vulnus ; non fuit diis immortalibus satis spectare Catonem semel. Retenta ac revocata virtus est, ut in difficiliore parte se ostenderet ; non enim tam magno animo mors initur quam repetitur. Quidni libenter spectarent alumnum suum tam claro ac memorabili exitu evadentem ? Mors illos consecrat, quorum exitum et qui timent laudant.

III

1. Sed iam procedente oratione ostendam, quam [p. 14] non sint quae videntur mala. Nunc illud dico, ista quae tu vocas aspera, quae adversa et abominanda, primum pro ipsis esse quibus accidunt, deinde pro universis, quorum maior diis cura quam singulorum est, post hoc volentibus accidere ac dignos malo esse, si nolint. His adiciam fato ista sic et recte[46] eadem lege bonis evenire qua sunt boni. Persuadebo deinde tibi, ne umquam boni viri miserearis; potest enim miser dici, non potest esse.

2. Difficillimum ex omnibus quae proposui videtur quod primum dixi, pro ipsis esse quibus e veniunt ista quae horremus ac tremimus. “ Pro ipsis est,” inquis, “ in exilium proici, in egestatem deduci, liberos coniugem ecferre, ignominia affici, debilitari ? “ Si miraris haec pro aliquo esse, miraberis quosdam ferro et igne curari nec minus fame ac siti. Sed si cogitaveris tecum remedii causa quibusdam et radi ossa et legi et extrahi venas et quaedam amputari membra quae sine totius pernicie corporis haerere non poterant, hoc quoque patieris probari tibi, quaedam incommoda pro is esse quibus accidunt, tam me [p. 16] hercules quam quaedam quae laudantur atque appetuntur contra eos esse quos delectaverunt, simillima cruditatibus ebrietatibusque et ceteris quae necant per voluptatem.

3. Inter multa magnifica Demetri nostri et haec vox est, a qua recens sum ; sonat adhuc et vibrat in auribus meis : “ Nihil,” inquit, “ mihi videtur infelicius eo, cui nihil umquam evenit adversi.” Non licuit enim illi se experiri. Ut ex voto illi fluxerint omnia, ut ante votum, male tamen de illo dii iudicaverunt. Indignus visus est a quo vinceretur aliquando fortuna, quae ignavissimum quemque refugit, quasi dicat : “ Quid ego istum mihi adversarium adsumam ? Statim arma submittet; non opus est in illum tota potentia mea, levi comminatione pelletur, non potest sustinere vultum meum. Alius circumspiciatur cum quo conferre possimus manum ; pudet congredi cum homine vinci parato.

4. “ Ignominiam iudicat gladiator cum inferiore componi et scit eum sine

gloria vinci, qui sine periculo vincitur. Idem facit fortuna : fortissimos sibi pares quaerit, quosdam fastidio transit. Contumacissimum quemque et rectissimum aggreditur, adversus quem vim suam intendat: ignem experitur in Mucio, paupertatem in Fabricio, exilium in Rutilio, tormenta in Regulo, venenum in Socrate, mortem in Catone. Magnum exemplum nisi mala fortuna non invenit. [p. 18]

5. Infelix est Mucius, quod dextra ignes hostium premit et ipse a se exigit erroris sui poenas ? Quod regem, quem armata manu non potuit, exusta fugat ? Quid ergo ? Felicior esset, si in sinu amicae foveret manum ?

6. Infelix est Fabricius, quod rus suum, quantum a re publica vacavit, fodit ? Quod bellum tam eum Pyrrho quam eum divitiis gerit ? Quod ad focum cenat illas ipsas radices et herbas quas in repurgando agro triumphalis senex vulsit ? Quid ergo ? Felicior esset, si in ventrem suum longinqui litoris pisces et peregrina aucupia congereret, si conchylis superi atque inferi maris pigritiam stomachi nausiantis erigeret, si ingenti pomorum strue cingeret primae formae feras, captas multa caede venantium ?

7. Infelix est Rutilius, quod qui illum damnaverunt causam dicent omnibus saeculis ? Quod aequiore animo passus est se patriae eripi quam sibi exilium ? Quod Sullae dictatori solus aliquid negavit et revocatus tantum non retro cessit et longius fugit ? “ Viderint,” inquit, “ isti quos Romae deprehendit felicitas tua. Videant largum in foro sanguinem et supra Servilianum lacum (id enim proscriptionis Sullanae spoliarium est) [p. 20] senatorum capita et passim vagantis per urbem percussorum greges et multa milia civium Romanorum uno loco post fidem, immo per ipsam fidem trucidata ; videant ista qui exulare non possunt.” Quid ergo ?

8. Felix est L. Sulla, quod illi descendenti ad forum gladio summovetur, quod capita sibi consularium virorum patitur ostendi et pretium caedis per quaestorem ac tabulas publicas numerat ? Et haec omnia facit ille, ille qui legem Corneliam tulit !

9. Veniamus ad Regulum : quid illi fortuna nocuit, quod illum documentum fidei, documentum patientiae fecit ? Figunt cutem clavi et quocumque fatigatum corpus reclinavit, vulneri incumbit, in perpetuam vigiliam suspensa sunt lumina. Quanto plus tormenti tanto plus erit gloriae. Vis scire quam non paeniteat hoc pretio aestimasse virtutem ? Refice illum et mitte in senatum ;

eandem sententiam dicet.

10. Feliciorem ergo tu Maecenatem putas, cui amoribus anxio et morosae uxoris cotidiana repudia deflenti somnus per symphoniarum cantum ex longinquo lene resonantium quaeritur ? Mero se licet sopiat et aquarum fragoribus avocet et mille voluptatibus mentem anxiam fallat, tam vigilabit in pluma quam ille in cruce ; sed illi solacium est pro honesto dura tolerare et ad causam a patientia respicit, hunc voluptatibus marcidum et felicitate nimia laborantem magis his [p. 22] quae patitur vexat causa patiendi.

11. Non usque eo in possessionem generis humani vitia venerunt, ut dubium sit an electione fati data plures nasci Reguli quam Maecenates velint; aut si quis fuerit, qui audeat dicere Maecenatem se quam Regulum nasci maluisse, idem iste, taceat licet, nasci se Terentiam maluit !

12. Male tractatum Socratem iudicas, quod illam potionem publice mixtam non aliter quam medicamentum immortalitatis obduxit et de morte disputavit usque ad ipsam ? Male cum illo actum est, quod gelatus est sanguis ac paulatim frigore inducto venarum vigor constitit ?

13. Quanto magis huic invidendum est quam illis quibus gemma ministratur, quibus exoletus omnia pati doctus exsectae virilitatis aut dubiae suspensam auro nivem diluit ! Hi quicquid biberunt vomitu remetientur tristes et bilem suam regustantes, at ille venenum laetus et libens hauriet.

14. Quod ad Catonem pertinet, satis dictum est summamque illi felicitatem contigisse consensus hominum fatebitur, quem sibi rerum natura delegit cum quo metuenda confideret. “ Inimicitiae potentium graves sunt; opponatur simul Pompeio, Caesari, Crasso. Grave est a deterioribus honore anteiri; Vatinio [p. 24] postferatur. Grave est civilibus bellis interesse; toto terrarum orbe pro causa bona tam infeliciter quam pertinaciter militet. Grave est manus sibi afferre; faciat. Quid per haec consequar ? Ut omnes sciant non esse haec mala quibus ego dignum Catonem putavi.”

IV

1. Prosperae res et in plebem ac vilia ingenia deveniunt ; at calamitates terroresque mortalium sub iugum mittere proprium magni viri est. Semper vero esse felicem et sine morsu animi transire vitam igno- rare est rerum naturae alteram partem.

2. Magnus vir es ; sed unde scio, si tibi fortuna non dat facultatem exhibendae virtutis ? Descendisti ad Olympia, sed nemo praeter te ; coronam habes, victoriam non habes. Non gratulor tamquam viro forti, sed tanquam consulatum praeturamve adepto; honore auctus es.

3. Item dicere et bono viro possum, si illi nullam occasionem difficilior casus dedit in qua una[47] vim animi sui ostenderet : ‘ Miserum te iudico, quod numquam fuisti miser. Transisti sine adversario vitam ; nemo sciet quid potueris, ne tu quidem ipse.’ Opus est enim ad notitiam sui experimento ; quid quisque posset nisi temptando non didicit. Itaque quidam ipsi ultro se cessantibus malis obtulerunt et virtuti iturae in obscurum occasionem per quam enitesceret quaesierunt.

4. Gaudent, inquam, magni viri aliquando rebus adversis, non aliter quam fortes [p. 26] milites bello. Triumphum ego murmillonem sub Tib. Caesare de raritate munerum audivi querentem : “ Quam bella,” inquit, “ aetas perit ! “ Avida est periculi virtus et quo tendat, non quid passura sit cogitat, quoniam etiam quod passura est gloriae pars est. Militares viri gloriantur vulneribus, laeti fluentem meliori casu sanguinem ostentant ; idem licet fecerint qui integri revertuntur ex acie, magis spectatur qui saucius redit.

5. Ipsis, inquam, deus consulit, quos esse quam honestissimos cupit, quotiens illis materiam praebet aliquid animose fortiterque faciendi, ad quam rem opus est aliqua rerum difficultate. Gubernatorem in tempestate, in acie militem intellegas. Unde possum scire quantum adversus paupertatem tibi animi sit, si divitiis diffluis ? Unde possum scire quantum adversus ignominiam et infamiam odiumque populare constantiae habeas, si inter plausus senescis, si te inexpugnabilis et in- clinatione quadam mentium pronus favor sequitur ?

Unde scio quam aequo animo laturus sis orbitatem, si quoscumque sustulisti vides ? Audivi te, cum alios consolareris : tunc conspexissem, si te ipse consolatus esses, si te ipse dolere vetuisses.

6. Nolite, obsecro vos, expavescere ista, quae dii immortales velut stimulos admovent animis : calamitas virtutis occasio est. Illos merito quis dixerit miseros qui nimia felicitate [p. 28] torpescunt, quos velut in mari lento tranquillitas iners detinet ; quicquid illis inciderit, novum veniet.

7. Magis urgent saeva inexpertos, grave est tenerae cervici iugum. Ad suspicionem vulneris tiro pallescit, audacter veteranus cruorem suum spectat, qui scit se saepe vicisse post sanguinem. Hos itaque deus quos probat, quos amat, indurat, recognoscit, exercet ; eos autem quibus indulgere videtur, quibus parcere, molles Venturis malis servat. Erratis enim, si quem iudicatis exceptum. Veniet et[48] ad illum diu felicem sua portio ; quisquis videtur dimissus esse, dilatus est. Quare deus optimum quemque aut mala valetudine aut luctu aut aliis incommodis afficit ?

8. Quia in castris quoque periculosa fortissimis imperantur ; dux lectissimos mittit, qui nocturnis hostes aggrediantur insidiis aut explorent iter aut praesidium loco deiciant. Nemo eorum qui exeunt dicit : “ Male de me imperator meruit,” sed “ bene iudicavit.” Item dicant quicumque iubentur pati timidis ignavisque flebilia: “ Digni visi sumus deo in quibus experiretur quantum humana natura posset pati.”

9. Fugite delicias, fugite enervantem felicitatem, qua animi permadescunt et nisi aliquid intervenit quod humanae sortis admoneat, manent[49] velut perpetua ebrietate sopiti. Quem specularia semper ab afflatu [p. 30] vindicaverunt, cuius pedes inter fomenta subinde mutata tepuerunt, cuius cenationes subditus et parietibus circumfusus calor temperavit, hunc levis aura non sine periculo stringet.

10. Cum omnia quae excesserunt modum noceant, periculosissima felicitatis intemperantia est : movet cerebrum, in vanas mentes imagines evocat, multum inter falsum ac verum mediae caliginis fundit. Quidni satius sit perpetuam infelicitatem advocata virtute sustinere quam infinitis atque immodicis bonis rumpi ? Lenior ieiunio mors est, cruditate dissiliunt.

11. Hanc itaque rationem dii sequuntur in bonis viris quam in discipulis suis praeceptores, qui plus laboris ab is exigunt, in quibus certior spes est.

Numquid tu invisos esse Lacedaemoniis liberos suos credis, quorum experiuntur indolem publice verberibus admotis ? Ipsi illos patres adhortantur, ut ictus flagellorum fortiter perferant, et laceros ac semianimes rogant, perseverent vulnera praebere vulne- ribus.

12. Quid mirum, si dure generosos spiritus deus temptat ? Numquam virtutis molle documentum est. Verberat nos et lacerat fortuna ; patiamur ! Non est saevitia, certamen est, quod quo[50] saepius adierimus, fortiores erimus. Solidissima corporis pars est quam frequens usus agitavit. Praebendi fortunae sumus, ut contra illam ab ipsa duremur ; paulatim nos sibi pares faciet, contemptum periculorum ad- siduitas periclitandi dabit.

13. Sic sunt nauticis corpora [p. 32] ferendo mari dura, agricolis manus tritae, ad excutienda tela militares lacerti valent, agilia Sunt membra cursoribus ; id in quoque solidissimum est quod exercuit. Ad contemnendam patientiam malorum animus patientia pervenit; quae quid in nobis efficere possit scies, si aspexeris quantum nationibus nudis et inopia fortioribus labor praestet.

14. Omnes considera gentes in quibus Romana pax desinit. Germanos dico et quicquid circa Histrum vagarum gentium occursat. Perpetua illos hiemps, triste caelum premit, maligne solum sterile sustentat; imbrem culmo aut fronde defendunt, super durata glacie stagna persultant, in alimentum feras captant.

15. Miseri tibi videntur ? Nihil miserum est quod in naturam consuetudo perduxit; paulatim enim voluptati sunt quae necessitate coeperunt. Nulla illis domicilia nullaeque sedes sunt nisi quas lassitudo in diem posuit ; vilis et hic quaerendus manu victus, horrenda iniquitas caeli, intecta corpora ; hoc quod tibi calamitas videtur tot gentium vita est ! Quid miraris bonos viros, ut confirmentur, concuti ?

16. Non est arbor solida nec fortis nisi in quam frequens ventus incursat ; ipsa enim vexatione constringitur et radices certius figit ; fragiles sunt quae in aprica valle creverunt. Pro ipsis ergo bonis viris est, ut esse interriti possint, multum inter formidolosa [p. 34] versari et aequo animo ferre quae non sunt mala nisi male sustinenti.

V

1. Adice nunc, quod pro omnibus est optimum quemque, ut ita dicam, militare et edere operas. Hoc est propositum deo quod sapienti viro, ostendere haec quae vulgus appetit, quae reformidat, nec bona esse nec mala ; apparebit autem bona esse, si illa non nisi bonis viris tribu erit, et mala esse, si tantum malis irrogaverit.

2. Detestabilis erit caecitas, si nemo oculos perdiderit, nisi cui eruendi sunt : itaque careant luce Appius et Metellus. Non sunt divitiae bonum ; itaque habeat illas et Elius leno, ut homines pecuniam, cum in templis consecraverint, videant et in fornice. Nullo modo magis potest deus concupita traducere, quam si illa ad turpissimos defert, ab optimis abigit.

3. “ At iniquum est virum bonum debilitari aut configi aut alligari, malos integris corporibus solutos ac delicatos incedere.” Quid porro ? Non est iniquum fortes viros arma sumere et in castris pernoctare et pro vallo obligatis stare vulneribus, interim in urbe securos esse percisos et professos impudicitiam ? Quid porro ? Non est iniquum no- bilissimas virgines ad sacra facienda noctibus excitari, altissimo somno inquinatas frui ?

4. Labor optimos citat. Senatus per totum diem saepe consulitur, cum illo tempore vilissimus quisque aut in campo [p. 36] Otium suum Oblectet aut in popina lateat aut tempus in aliquo circulo terat. Idem in hac magna re publica fit ; boni viri laborant, impendunt, impenduntur et volentes quidem ; non trahuntur a fortuna, sequuntur illam et aequant gradus. Si scissent, antecessissent.

5. Hanc quoque animosam Demetri fortissimi viri vocem audisse me memini: “ Hoc unum,” inquit, “ de vobis, di immortales, queri possum, quod non ante mihi notam voluntatem vestram fecistis ; prior enim ad ista venissem, ad quae nunc vocatus adsum. Vultis liberos sumere ? vobis illos sustuli. Vultis aliquam partem corporis ? sumite ; non magnam rem promitto, cito totum relinquam. Vultis spiritum ? quidni ? nullam moram faciam, quo minus recipiatis quod dedistis. A volente feretis quicquid petieritis.

6. Quid ergo est ? Maluissem offerre quam tradere. Quid opus fuit auferre ? Accipere potuistis ; sed ne nunc quidem auferetis, quia nihil eripitur nisi retinenti.” Nihil cogor, nihil patior invitus nec servio deo sed assentior, eo quidem magis, quod scio omnia certa et in aeternum dicta lege decurrere.

7. Fata nos ducunt et quantum cuique temporis restat prima nascentium hora disposuit. Causa pendet ex causa, privata ac [p. 38] publica longus ordo rerum trahit. Ideo fortiter Omne patiendum est, quia non, ut putamus, incidunt cuncta sed veniunt. Olim constitutum est quid gaudeas, quid fleas, et quamvis magna videatur varietate singulorum vita distingui, summa in unum venit; accipimus peritura perituri. Quid itaque indignamur ?

8. Quid querimur ? Ad hoc parti[51] sumus. Utatur ut vult suis natura corporibus ; nos laeti ad omnia et fortes cogitemus nihil perire de nostro. Quid est boni viri ? Praebere se fato. Grande solacium est cum universo rapi; quicquid est quod nos sic vivere, sic mori iussit, eadem necessitate et deos alligat. Irrevocabilis humana pariter ac divina cursus vehit. Ille ipse omnium conditor et rector scripsit quidem fata, sed sequitur ; semper paret, semel iussit.

9. “ Quare tamen deus tam iniquus in distributione fati fuit, ut bonis viris paupertatem et vulnera et acerba funera ascriberet ? “ Non potest artifex mutare materiam ; hoc passa est. Quaedam separari a quibusdam non possunt, cohaerent, in- dividua sunt. Languida ingenia et in somnum itura aut in vigiliam somno simillimam inertibus nectuntur elementis ; ut efficiatur vir cum cura dicendus, fortiore fato opus est. Non erit illi planum iter ; sursum [p. 40] oportet ac deorsum eat, fluctuetur ac navigium in turbido regat. Contra fortunam illi tenendus est cursus ; multa accident dura, aspera, sed quae molliat et complanet ipse.

10. Ignis aurum probat, miseria fortes viros. Vide quam alte escendere debeat virtus ; scies illi non per secura vadendum :

Ardua prima via est et quam vix mane recentes
enituntur equi; medio est altissima caelo,
unde mare et terras ipsi mihi saepe videre
sit timor et pavida trepidet formidine pectus,
ultima prona via est et eget moderamine certo ;

tunc etiam quae me subiectis excipit undis,

ne ferar in praeceps. Tethys solet ima vereri.

[11] Haec cum audisset ille generosus adulescens : “ Placet,” inquit, “ via ; escendo. Est tanti per ista ire casuro.” Non desinit acrem animum metu territare :

Utque viam teneas nulloque errore traharis,

per tamen adversi gradieris cornua tauri

Haemoniosque arcus violentique ora leonis.

Post haec ait : “ Iunge datos currus ! His quibus deterreri me putas incitor. Libet illic stare ubi ipse Sol trepidat.” Humilis et inertis est tuta sectari; per alta virtus it.

VI

1. “ Quare tamen bonis viris patitur aliquid mali deus fieri ? “ Ille vero non patitur. Omnia mala [p. 42] ab illis removit, scelera et flagitia et cogitationes improbas et avida consilia et libidinem caecam et alieno imminentem avaritiam ; ipsos tuetur ac vindicat : numquid hoc quoque aliquis a deo exigit, ut bonorum virorum etiam sarcinas servet ? Remittunt ipsi hanc deo curam: externa contemnunt.

2. Democritus divitias proiecit onus illas bonae mentis existimans. Quid ergo miraris, si id deus bono viro accidere patitur quod vir bonus aliquando vult sibi accidere ? Filios amittunt viri boni; quidni, cum aliquando et occidant ? In exilium mittuntur; quidni, cum aliquando ipsi patriam non repetituri relinquant ? Occiduntur ; quidni, cum aliquando ipsi sibi manus afferant ? Quare quaedam dura patiuntur ? Ut alios pati doceant ;

3. nati sunt in exemplar. Puta itaque deum dicere : “ Quid habetis quod de me queri possitis, vos, quibus recta placuerunt ? Aliis bona falsa circumdedi et animos inanes velut longo fallacique somnio lusi. Auro illos et argento et ebore adornavi, intus boni nihil est.

4. Isti quos pro felicibus aspicis, si non qua occurrunt sed qua latent videris, miseri sunt, sordidi, turpes, ad similitudinem parietum suorum extrinsecus culti; non est ista solida et sincera felicitas ; crusta est et quidem tenuis. Itaque dum illis licet stare et ad arbitrium suum ostendi, nitent [p. 44] et imponunt ; cum aliquid incidit quod disturbet ac detegat, tunc apparet quantum altae ac verae foeditatis alienus splendor absconderit.

5. Vobis dedi bona certa, mansura, quanto magis versaverit aliquis et undique inspexerit, meliora maioraque : permisi vobis metuenda contemnere, cupiditates fastidire ; non fulgetis extrinsecus, bona vestra introrsus obversa sunt. Sic mundus exteriora contempsit spectaculo sui laetus. Intus omne posui bonum ; non egere felicitate felicitas vestra est.

6. ‘ At multa incidunt tristia, horrenda, dura toleratu.’ Quia non poteram vos istis subducere, animos vestros adversus omnia armavi ; ferte fortiter. Hoc est

quo deum antecedatis ; ille extra patientiam malorum est, vos supra patientiam. Contemnite paupertatem; nemo tam pauper vivit quam natus est. Contemnite dolorem; aut solvetur aut solvet. Contemnite mortem; quae vos aut finit aut transfert. Contemnite for- tunam ; nullum illi telum quo feriret animum dedi.

7. Ante omnia cavi, ne quid vos teneret invitos ; patet exitus. Si pugnare non vultis, licet fugere. Ideo ex omnibus rebus quas esse vobis necessarias volui nihil feci facilius quam mori. Prono animam loco posui ; trahitur, adtendite modo et videbitis quam brevis ad libertatem et quam expedita ducat via. Non tam longas in exitu vobis quam intrantibus moras posui ; alioqui magnum in vos regnum fortuna tenuisset, [p. 46] si homo tam tarde moreretur quam nascitur.

8. Omne tempus, omnis vos locus doceat quam facile sit renuntiare naturae et munus illi suum impingere ; inter ipsa altaria et sollemnes sacrificantium ritus, dum optatur vita, mortem condiscite. Corpora opima taurorum exiguo concidunt vulnere et magnarum virium animalia humanae manus ictus impellit ; tenui ferro commissura cervicis abrumpitur, et cum articulus ille qui caput collumque committit incisus est, tanta illa moles corruit.

9. Non in alto latet spiritus nec utique ferro eruendus est ; non sunt vulnere penitus impresso scrutanda praecordia : in proximo mors est. Non certum ad hos ictus destinavi locum ; quacumque vis pervium est. Ipsum illud quod vocatur mori, quo anima discedit a corpore, brevius est quam ut sentiri tanta velocitas possit. Sive fauces nodus elisit, sive spiramentum aqua praeclusit, sive in caput lapsos subiacentis soli duritia comminuit, sive haustus ignis cursum animae remeantis interscidit ; quicquid est, properat. Ecquid erubescitis ? Quod tam cito fit, timetis diu !

NOTAS

45 eo por Goerenz.

46 Et recte por Petschenig

47 una omitido por Gertz e Hermes.

48 et por Gruter

49 manet por Hermes

50 quod quo segundo Hermes, para Thomas : quo id Gertz : quod Ad: quod si

51 parti Hermes

Bônus

Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Obras filosóficas de Sêneca:

- Cartas de um Estoico, Vol I (*Epistulae morales ad Lucilium*)
- Cartas de um Estoico, Vol II
- Cartas de um Estoico, Vol III
- Sobre a Ira (*De Ira*)
- Consolação a Márcia (*Ad Marciam, De consolatione*)
- Consolação a Minha Mãe Hélvia (*Ad Helviam matrem, De consolatione*)
- Consolação a Políbio (*De Consolatione ad Polybium*)
- Sobre a Brevidade da vida(*De Brevitate Vitae*)
- Da Clemência (*De Clementia*)
- Sobre Constância do sábio (*De Constantia Sapientis*)
- A Vida Feliz (*De Vita Beata*)
- Sobre os Benefícios (*De Beneficiis*)
- Sobre a Tranquilidade da alma (*De Tranquillitate Animi*)
- Sobre o Ócio (*De Otio*)
- Sobre a Providência Divina (*De Providentia*)
- Sobre a Superstição (*De Superstitione*) perdida, citada por Santo Agostinho.

Obras Filosóficas

- Meditações de Marco Aurélio
- A Arte de ter Razão por *Arthur Schopenhauer*
- Estoicismo, Guia Definitivo por *St. George Stock*
- Ciropédia por *Xenofonte*
- Utopia por *Thomas More*
- Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres por *Diógenes Laércio*
- Andar a Pé por *Henry David Thoreau*
- Carta a Meneceu sobre a felicidade por *Epicuro*
- Epicuro, Cartas e Princípios por *Epicuro*
- O Dever do Advogado por *Ruy Barbosa*
- Os Sermões por *Padre António Vieira*

Montecristo
Editora

I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio – liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, – que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. **Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse**. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de

alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que acrescente que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

> *Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa*
>
> *gratior et pulchro veniens e corpore virtus.* [1]

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu temos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto,

muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos[2]? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, – a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa, superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada , que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir – uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado

imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então? Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; consequentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição[3]. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: Providencia, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris[4], clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela. Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abranda todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele

deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente; aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam

imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos enchem de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escrava dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade, um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil[5]. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma

unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, – tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. “O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à

solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaja em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta Providencia?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto, porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio[6], desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores – um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.